

Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia

**Escolhas Narcísicas de Objeto e
Relações Amorosas na Atualidade**

Gilmara Aparecida Roriz de Oliveira

Orientadora: Profa. Dra. Denise Teles Freire Campos

Goiânia
Março de 2006

Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia

Escolhas Narcísicas de Objeto e Relações Amorosas na Atualidade

Gilmara Aparecida Roriz de Oliveira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica.
Orientadora: Profa. Dra. Denise Teles Freire Campos.

Goiânia
Março de 2006

Dedico este trabalho
aos meus pais, minhas
primeiras relações de
amor.

Agradecimentos

Aos sujeitos dessa pesquisa, que me confiaram parte da sua história e disponibilizaram seu precioso tempo para as entrevistas.

A Dra. Denise Teles Freire Campos, pelo olhar confiante e seguro, pela presença solidária e pelas palavras sinceras que acompanharam todos os momentos de orientação. Sou muito grata por tudo.

Ao Dr. Pedro Humberto Faria Campos, pela disponibilidade que teve para acompanhar o desenvolvimento da minha dissertação, partilhando seu conhecimento e colaborando de forma preciosa com o mesmo. Minha gratidão.

Ao Dr. Pedro Paulo, por aceitar fazer parte da minha banca e pelo respeito e seriedade com que examinou o meu trabalho e fez valiosas sugestões.

Às companheiras de mestrado, Leandra e Sílvia, pelas importantes contribuições em vários momentos.

Aos meus familiares e amigos que estiveram sempre presentes, acolhendo e incentivando.

Ao João Neto, pelo apoio constante e pela compreensão nos momentos em que estive ausente.

Resumo

O presente trabalho buscou compreender a subjetividade que envolve as escolhas e as relações amorosas na atualidade. A psicanálise foi utilizada como aporte teórico necessário para compreensão da subjetividade dos sujeitos pesquisados. Nesta trajetória, as relações familiares foram tomadas como aspecto fundamental no processo de desenvolvimento psicosexual e, conseqüentemente, na dinâmica das escolhas e das relações amorosas do sujeito. Os conflitos que permeiam as relações familiares podem ser elaborados num processo identificatório e podem influenciar no tipo de escolha amorosa que o sujeito fará na vida adulta. Na atualidade, as expectativas com relação à intimidade são diferentes, existem formas não-tradicionais de se relacionar, estilos diferentes de vida e os novos arranjos familiares possibilitam diferentes tipos de escolhas, inclusive ser solteiro. Foram realizadas entrevistas do tipo clínico com cada um dos 10 sujeitos que participaram da pesquisa. O material coletado aponta para falta ou inadequação de modelo parental, o que resulta numa identificação precária, que pode levar a uma escolha objetal narcísica, dificultando estabelecer vínculos. O trabalho e a vida profissional aparecem como prioridades em relação a uma vida a dois e o casamento aparece como não-valor. Os discursos dos sujeitos foram marcados pela instabilidade no mercado de trabalho, insatisfação profissional e dificuldades com relação à autonomia feminina. Os resultados levam a pensar que uma nova subjetividade está sendo exigida pelas mudanças da atualidade.

Abstract

The present study sought to understand the subjectivity involving the choices and the love relationships of the present time. Psychoanalysis was used as theoretical support in order to understand the subjectivity of the subjects involved in the research. Throughout this journey, the family relationships were taken as the fundamental aspect in the process of psychosexual development and, consequently in the dynamic of choices and love relationships of the subject. The conflicts which surround the family relationship can be elaborated in an identification process and may influence the kind of love choices the subject makes in his adult life. Nowadays, the expectations regarding intimacy are different, there are non-traditional kinds of relationships, different life styles and new family arrangements enable different kinds of choices, including being single. Clinical interviews were carried out with each one of the 10 subjects participating in the research. The material gathered points to a lack or inadequacy of the parental model, which results in a precarious identification, leading to narcissistic object choice making it difficult to establish links. Work and professional life are displayed as a priority over a life with a partner and the marriage comes out as a non-value. The subject's discourses were marked by the work market instability, professional dissatisfaction and difficulties towards female autonomy. The results lead to believe that a new subjectivity is required by the changes of contemporary times.

Índice

Dedicatória.....	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Índice.....	v
Introdução.....	01
Capítulo 1- O Desenvolvimento psicosexual.....	06
1.1- O processo identificatório.....	11
1.2- A escolha objetal narcísica.....	17
Capítulo 2- A Transformação da Família.....	21
2.1- A família nuclear moderna e os novos arranjos.....	21
2.1.1- Os novos arranjos familiares.....	30
2.2- Subjetividade e atualidade.....	35
2.2.1- Subjetividade, atualidade e relacionamento moroso.....	39
2.2.2- As vicissitudes da libido masculina na escolha de objeto na atualidade.....	42
Capítulo 3- As Relações Amorosas da Atualidade: um estudo clínico.....	46
3.1- O percurso clínico.....	46
3.1.1- Os sujeitos	46
3.1.2- O procedimento.....	47
3.2- As relações amorosas nos discursos dos sujeitos.....	49

3.2.1- As relações familiares.....	49
3.2.1.1- A falta ou inadequação de modelo parental, sobretudo da figura masculina.....	49
3.2.1.2- A falta de modelo de casamento e o casamento como “não- valor”.....	54
3.2.2- As relações amorosas da atualidade.....	58
3.2.3- A instabilidade no mercado de trabalho e a insatisfação profissional.....	67
3.2.4- A autonomia feminina como problema.....	70
Considerações Finais	75
Referências Bibliográficas.....	78

Introdução

Na atualidade, homens e mulheres têm assumido novos papéis nas relações sexuais e sociais. Joyce McDougall (1999), fala no livro “Diferenças Sexuais” sobre uma “(...) imperiosa necessidade de encontrar soluções para as complexidades das relações amorosas (...)” (p.25). Pesquisar este tema, além de instigante, é de fundamental importância, posto que o sujeito nasce e cresce na dependência das relações e a harmonia ou desarmonia dessas relações pode influenciar na constituição do sujeito e de sua subjetividade.

O presente trabalho propõe refletir sobre a condição da subjetividade na atualidade, como os sujeitos organizam suas escolhas e suas relações amorosas. Numa relação amorosa, ambos os sujeitos envolvidos têm subjetividades próprias. Nesse sentido, podemos pensar na intersubjetividade, que constitui o campo pelo qual cada ser adquire singularidade, enquanto único na espécie humana e na influência do social. Segundo Freud (1930/1980), a relação com o outro nos constitui. A intersubjetividade produz a subjetividade do sujeito.

As relações amorosas integram o campo do imaginário, das emoções, das fantasias, do desejo, das idealizações, em uma palavra, o ‘sujeito’, dotado de uma subjetividade. O que expressa a dificuldade de se considerar o outro, e a si mesmo, como uma mesma fonte de prazer e de frustração. Contudo, percebe-se que permanece uma ânsia por amar e ser amado. O mais intrigante é pensar que é o próprio sujeito que constrói sua história, inclusive sua história de amor.

A mídia de um modo geral aponta para o fato de que um número cada vez maior de homens e mulheres está optando por viver sozinho, adotando formas não-tradicionais de se relacionar, estilos diferentes de vida, expressões alternativas de

amor.

Maria Helena Matarazzo (2003), no seu livro “Encontros, Desencontros e Reencontros” fala que há alguns anos as pessoas não tinham tanto medo da aproximação e que “durante a revolução sexual, muitos homens e mulheres, em vez de terem se tornado sexualmente liberados, ficaram sexualmente aprisionados.” (p.28). Ela diz que “já se fala, atualmente, que a revolução sexual foi uma encruzilhada de ilusões perdidas.” (p.30).

A era moderna, com sua base de produção industrial, produziu um grande movimento histórico colocando a família nuclear burguesa como modelo e como instância no interior da qual sexo, reprodução e afeto ficaram concentrados.

Entretanto, as transformações posteriores da era moderna engendram e potencializam o individualismo e o consumismo; para os quais, a partir dos anos 70, o modelo família nuclear será um obstáculo. A modernização, a urbanização acelerada da sociedade, a liberação da sexualidade e a explosão da psicanálise foram pontos altos a partir dos anos 70, nas classes médias urbanas brasileiras. O aumento da participação feminina no mercado de trabalho e o aprofundamento nos estudos levaram as mulheres a terem outras aspirações, além do casamento. Um grande contingente de mulheres se tornou autônomas e independentes financeiramente.

A revolução industrial, que exigiu maior número de mão-de-obra nas fábricas; o movimento feminista, que veio alterar significativamente o mundo da mulher; o movimento da juventude, exigindo novos valores, associado às mudanças estruturais nos modos de produção, são alguns dos fatores relevantes para o surgimento dos novos arranjos familiares, que junto com o ideal individualista levaram a transformações nas condutas. Nas sociedades individualistas, os sujeitos se percebem como bastando a si mesmos.

Hoje, viver só pode ser definido como uma decisão por um estilo de vida mais livre, onde se exercita a autonomia e a independência. Pode estar relacionado ao desejo de fazer a própria vida e fundamentado na história de cada um. É uma escolha baseada nos parâmetros modernos, imbuídos do ideal individualista. Assim, torna-se fundamental analisar os valores e as características presentes neste comportamento, nessa nova forma de viver.

Freud sempre buscou compreender a questão: “o que quer uma mulher?” E depois dele, esse impasse feminino e também masculino tem tido lugar importante na Psicanálise. Para Freud (1905/1980), a bissexualidade é constitutiva na origem e fundamental para compreender as manifestações sexuais que podem ser observadas em homens e mulheres. A análise do inconsciente busca integrar os aspectos femininos e masculinos, possibilitando a elaboração do Complexo de Édipo, da castração e o processo de identificação que possibilita estabelecer outros vínculos.

Toma-se nesse trabalho, como principal referência teórica, a teoria psicanalítica para pensar a problemática do sujeito moderno, levando em conta não só as dimensões que são peculiares a cada época em que se produzem, mas também aquelas que dizem respeito às singularidades de interpretações feitas por cada indivíduo, como nos propõe a perspectiva contida na tese freudiana sobre a natureza da relação entre o homem e a cultura (Freud, 1930/1980). Contudo, abriu-se espaço para dialogar com outros campos de saber, com outros autores, o que possibilitou uma maior flexibilidade e um maior aprofundamento sobre o tema.

O objetivo específico é refletir um pouco sobre o desenvolvimento libidinal masculino e algumas formas atuais de escolhas e de relações de objeto, posto que a maioria dos estudos existentes aborda os aspectos relacionados ao feminino. Evidenciar se há contradições entre o discurso e o comportamento. Quais são as

representações que eles têm do casamento, das relações amorosas, da família, procurando analisar quais são os valores, as preocupações e perplexidades presentes nos discursos, compreendidos como produções subjetivas da atualidade.

Visando trabalhar as questões aqui mencionadas a dissertação será dividida em 3 capítulos:

No capítulo I, retorna-se a concepção psicanalítica do processo de desenvolvimento psicosexual do ser humano, nas suas diferentes e sucessivas fases, que correspondem cada qual uma modalidade de relação de objeto. Prioriza-se a fase fálica, trazendo questões importantes como o complexo de Édipo, o complexo de castração, o processo identificatório e a escolha objetal.

No capítulo II, procura-se inserir a questão das transformações ocorridas na família, desde a família nuclear moderna até os novos arranjos familiares; e estabelecer as conexões entre modernidade, subjetividade e relacionamento; procurando refletir o que aconteceu com o desenvolvimento libidinal masculino e algumas formas atuais de escolha de objeto.

No capítulo III, apresenta-se o percurso clínico da pesquisa e são elaboradas as categorias que emergiram nas entrevistas. Procurou-se apreender como se desenvolveu a subjetividade do sujeito quanto às escolhas e relações amorosas da atualidade, tendo em vista os pontos centrais desse estudo.

Finalmente, são feitas considerações sobre o material trabalhado, que aponta para a falta ou inadequação do modelo parental, para o casamento como “não-valor”, para a instabilidade no mercado de trabalho e insatisfação profissional e para a autonomia feminina como problema.

É necessário sair do mundo dos sonhos e fantasias para compreender a realidade, mas não se podem perder as esperanças. É preciso sonhar para manter o desejo que pode levar às transformações sociais e pessoais.

Capítulo 1 – O Desenvolvimento Psicosexual

Nas sociedades industriais, a família tornou-se uma instituição central e as relações familiares foram consideradas fundamentais no processo de formação da subjetividade do sujeito. Sabendo que é na dependência das relações que o sujeito nasce e se desenvolve, busca-se, com a concepção psicanalítica de desenvolvimento psicosexual do ser humano, compreender de que forma esse processo pode influenciar na dinâmica das futuras escolhas e relações amorosas do sujeito na atualidade.

A psicanálise aponta para o fato de que a sexualidade humana inicia-se na infância e que a vida sexual do adulto é influenciada pelas vivências sexuais infantis. As descobertas de Freud sobre o desenvolvimento da sexualidade humana são fundamentais para a apreensão da subjetividade do sujeito. Em *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/1980) caracteriza a sexualidade infantil como auto-erótica, revelando que nesta época inicial as pulsões são parciais e o objeto de prazer encontra-se no próprio corpo, numa zona erógena específica, numa parte do corpo em que certos tipos de estímulos provocam sensação de prazer.

Só na puberdade é que a sexualidade encontra a sua organização, as pulsões se integram e se dirigem para outra pessoa na busca de satisfação de prazer, sob o primado da genitalidade e da função da procriação. Dessa forma, evidencia-se o processo de organização da libido, posto que a energia das pulsões sexuais é de ordem libidinal.

Freud conceituou a libido “como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e as transformações ocorrentes no âmbito de excitação sexual.” (1905/1980, p.204). A libido seria a manifestação da força do amor, da

sexualidade. Ele diferencia dois modos de investimento da libido: a libido do ego ou narcísica, quando a libido toma como objeto a própria pessoa; e a libido do objeto ou objetal, quando a libido é empregada para investir em objetos sexuais alheios.

Para Freud, se a origem da sexualidade adulta está na infância é porque a libido se organiza de maneira diferenciada em torno de determinadas zonas corporais e em fases sucessivas de desenvolvimento. Assim ele propõe que a sexualidade humana se desenvolve em diferentes fases da vida e que a cada fase corresponde uma modalidade da relação de objeto.

A primeira fase dessa organização é atingida quando a libido está investida na boca. Este é o primeiro órgão que surge como zona erógena e a pulsão sexual tem o objeto fora do corpo, no seio materno ou seus substitutos. No início, a mais primitiva satisfação sexual do bebê está vinculada à nutrição, no período em que o bebê vive em simbiose com a mãe. Posteriormente, o bebê começa a perceber que há uma diferenciação, que a mãe não é um prolongamento dele. Observa-se, então, que há uma busca de obtenção de prazer independente da nutrição. Desse momento em diante haverá sempre uma busca de reencontrar aquela completude primeira que foi experienciada na simbiose com a mãe, uma busca de satisfação desse desejo. Segundo Freud (1905/1980), a amamentação no seio materno torna-se modelo para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto seria, na verdade, um reencontro.

A segunda fase de desenvolvimento da sexualidade é descrita por Freud como anal-sádica e, nessa organização da libido, a região anal é eleita como zona erógena e a satisfação é, então, procurada na função excretória. Necessário se faz lembrar que em cada uma das fases, as catexias objetais ocorrem em conexão com a satisfação de necessidades vitais importantes. Nesta fase, a criança está desenvolvendo sua

musculatura e o controle esfinteriano. O prazer está ligado ao controle do próprio corpo (retenção ou excreção das fezes) e ao controle que a criança descobre exercer sobre os outros à sua volta.

Como terceira fase dessa organização libidinal, Freud considera a fase fálica como uma importante precursora da posterior organização sexual definitiva. Nesta fase, como ainda não houve a distinção anatômica entre os sexos, só o órgão genital masculino é considerado e a libido se desenvolve em direção à unificação das pulsões parciais sob a primazia do falo, que é a simbolização desse órgão. Conforme Freud (1923/1980), a distinção anatômica entre os sexos acontece num processo entre a negação da diferença e a percepção visual da realidade objetiva. O menino, sem dúvida, percebe a distinção entre homens e mulheres, porém, de início, não tem oportunidade de vinculá-la a uma diferença em seus próprios órgãos genitais. Para ele é natural presumir que todos os outros seres vivos, possuem um órgão genital como o seu. Essa parte do corpo, facilmente excitável e rica em sensações, torna-se extremamente interessante para o menino.

A masturbação é uma das mais importantes características dessa fase, as crianças aprendem a obter sensações prazerosas da manipulação dos órgãos genitais. Esses órgãos fornecedores de tanto prazer são intensamente valorizados e a masturbação torna-se uma prática, a principal atividade auto-erótica desse estágio. Contudo, diante da imposição social de proibir a atividade masturbatória, os adultos muitas vezes fazem severas ameaças de retirar, através da castração, o órgão de tanto valor. Outras vezes são as próprias fantasias das crianças que geram angústia. Freud (1924/1980) ressalta que a masturbação faz parte da atitude edípica para com os pais e constitui uma descarga da excitação sexual pertinente ao complexo de Édipo. As interdições são tidas como castradoras porque tocam elementos carregados de valor afetivo

libidinal, por isso, mesmo que os adultos não fizessem suas intervenções, o sentimento de angústia seria inevitável neste momento do desenvolvimento.

No início, as ameaças não têm muita importância para a criança, mas depois ela acaba vendo o órgão genital de uma criança do sexo oposto e percebe a diferença anatômica entre os sexos. Meninos e meninas vão reagir de modo diferente a essa importante constatação.

O objeto de amor do menino é a mãe e o pai torna-se obstáculo à realização desse amor, diante da visão da falta do pênis na menina, o menino fantasia que foi retirado e passa a considerar como real as ameaças que foram feitas. A perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado.

Segundo a posição freudiana (1925/1980), a ameaça de castração e a fantasia da possibilidade de perder seu órgão de tanto valor, fazem o menino renunciar a satisfação do seu amor, de seu desejo edipiano e, assim, manter seu valioso órgão. Para Freud, no conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais, triunfa normalmente a primeira dessas forças e o menino renuncia seu desejo pela mãe.

Dessa forma, pode-se compreender que o complexo de castração diz respeito a uma experiência psíquica decisiva na organização da sexualidade humana. Esse complexo é vivido inconscientemente e não pode ser resumido à simples idéia de mutilação dos órgãos genitais, pois é de extrema importância na constituição da subjetividade da criança. O aspecto essencial da experiência da castração consiste no fato de que, pela primeira vez, a criança reconhece a diferença anatômica entre os sexos e terá que aceitar que existem homens e mulheres e que seu pênis jamais lhe permitirá concretizar seus desejos sexuais em relação à mãe.

Diante da angústia de castração, o menino abandona o objeto edípiano, se identifica com o pai e passa a buscar outros objetos de amor. O complexo de castração, em forma de ameaça, determina a dissolução do complexo de Édipo e a escolha, no futuro, de um novo objeto de amor, estabelecendo condições para o surgimento do superego e inaugurando o período de latência e o fim da fase fálica.

Assim, pode-se dizer que a partir do complexo de castração e da proibição do incesto, acontece a internalização das normas sociais, através da identificação, resultando na formação do superego que rege a moral e estabelece o que é certo e o que é errado, perpetuando a proibição do incesto.

A não-satisfação inerente à civilização é consequência necessária de certas peculiaridades que o instinto sexual adotou sobre a pressão da cultura. A própria incapacidade do instinto sexual de produzir satisfação completa, tão logo se submete às primeiras exigências da civilização, torna-se a fonte, no entanto, das mais nobres realizações culturais que são determinadas pela sublimação cada vez maior de seus componentes instintivos. (Freud, 1912/1980, p.172).

Os desejos e as pulsões são regulados por essa força psíquica repressora que impede as exigências produzidas pelas demandas incestuosas, o que seria um desastre para o desenvolvimento se assim não fosse. Freud chamou essa instância de Superego e como não se pode omitir o fato que o superego é herdeiro do complexo de Édipo, ele passa a fazer o papel de censura que antes era desempenhado pela autoridade dos pais.

Os pais exercem uma forte influência emocional sobre os filhos, na relação com os mesmos e os conflitos que permeiam estas relações podem ser elaborados num processo identificatório que forma o superego.

1.1 – O processo identificatório

O termo identificação foi definido por Freud (1933[1932]/1980), como “a ação de assemelhar um ego a outro ego, em consequência do que o primeiro ego se comporta como o segundo em determinados aspectos, imita-o e, em certo sentido, assimila-o dentro de si.” (p.82).

A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota e original expressão de um laço emocional com outra pessoa, com um objeto. É dinâmica e fundamental na busca do outro. Participa de todas as relações humanas, pois todas as pessoas têm algo em comum, o próprio fato de serem humanas, que possibilita a identificação com o outro, a começar pelas relações familiares.

Na história primitiva do complexo de Édipo, a identificação desempenha um importante papel. O menino se identifica com o pai, mostra interesse especial pelo pai, de ser como ele, tomando-o como seu modelo ideal. Este comportamento se concilia com o complexo de Édipo para cuja preparação contribui. Ao mesmo tempo dessa identificação com o pai, o menino começa a desenvolver uma catexia de objeto em relação à mãe, começa a dirigir-se à mãe como objeto de pulsões libidinosas, mostrando um laço sexual. Com o pai, considerado como modelo a imitar, mostra uma identificação. Como a vida psíquica tende a uma unificação, esses dois laços vão se aproximando até se encontrarem e nasce o complexo de Édipo. O menino percebe que o pai impede seu caminhar em direção à mãe e a identificação com o pai assume uma certa hostilidade e o desejo de se livrar dele para ocupar seu lugar.

A identificação é, além disso, ambivalente, pode unificar ou separar as pessoas, pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do

afastamento de alguém. Uma espécie de regressão à fase oral, em que o objeto amado é assimilado pela ingestão, sendo dessa forma aniquilado como tal.

A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia de objeto e a identificação não se distinguem uma da outra. Posteriormente, quando se dá conta das catexias do objeto, ou se sujeita a elas, ou as reprime. Quando uma pessoa tem que abandonar um objeto, acontece uma alteração de seu ego, uma introjeção do objeto dentro do ego, que pode tornar possível, facilitar abandonar o objeto. Pelo mecanismo de introjeção, internaliza-se a imagem do outro, assimilando-a e transformando-a em seu ideal, a começar pelas imagens parentais.

As primeiras identificações, efetuadas na mais primitiva infância, têm efeitos gerais e duradouros, intervêm na formação da subjetividade do sujeito e influenciam as relações futuras. A relação com os pais está na origem do ideal do ego, derivado do complexo de Édipo.

Toda a dimensão da identificação é inconsciente e está relacionada com a idealização que se faz do outro com quem se identifica. Sabe-se que a idealização pode provocar dependência excessiva. Identifica-se com o outro e investe-se nele de modo narcísico, como se o outro fosse seu prolongamento. Expressa um desejo regressivo de se identificar com o outro até a fusão completa, na tentativa de suprir a tão ressentida e evitada falta.

A dependência da criança transforma a relação com os pais em um modelo de vida. Desde então, a angústia de separação persegue e aterroriza. Alguns prolongam a dependência da sua infância e a repete com aquela “compulsão a repetição” que marca a vida e as relações de tantas pessoas.

Quanto mais importante for a qualidade da identificação, mais esta será bem sucedida, podendo representar assim o início de um novo laço, de uma nova relação.

O esforço é moldar o ego segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo e o importante é que a identificação seja construtiva, possibilitando novos ideais e novas significações.

É partindo do sucesso desse processo identificatório que a autoridade parental é internalizada no psiquismo como uma instância autônoma e independente do ego. O superego tem as funções de autocrítica, de consciência, de vigia e de punição, pois introjetando o modelo dos pais ele pode elaborar o próprio modelo.

O superego, além de ser importante para o desenvolvimento do sujeito, é fundamental para a espécie humana, pois sem ele a civilização não seria possível e o indivíduo não faria o reconhecimento de sua ilusória onipotência. Sem o estabelecimento da falta e da insatisfação, o indivíduo permaneceria na fantasia narcísica de bastar-se a si mesmo, não haveria a necessidade de abertura para a entrada do outro. Nesse sentido, o pai, o falo, a lei, tem uma função importante, ele surge como interdição do desejo edipiano, intervém junto ao filho como privador da mãe, dando origem ao superego na criança. Então, a ‘interdição do pai’ coloca o sujeito diante dessa impossibilidade da completude, que o faz sempre desejante.

Após esse período do desenvolvimento da sexualidade infantil, inicia-se uma fase mais tranqüila, é o chamado período de latência, no qual as pulsões são desviadas de seu alvo sexual, sublimando ou recalçando, para atividades socialmente aceitas e valorizadas, tornando o conflito entre desejo e proibição mais toleráveis.

Conforme Freud (1905/1980), a organização completa só se conclui na puberdade, numa quarta fase, a genital, com uma escolha objetal. A escolha do objeto de amor, culminando na genitalidade, dependerá das identificações inerentes ao complexo de Édipo.

A libido pode deslocar-se em seus investimentos, mudando de objeto e de objetivo, pode, inclusive, ser sublimada, ou seja, derivada para um objetivo não sexual, onde investe objetos socialmente valorizados e aceitos, como a arte, a literatura etc. A escolha do objeto, vai depender da redistribuição da libido, de como o sujeito se reorganiza depois que sai do Édipo e da castração.

Freud (1905/1980) considera que a escolha objetual se faz em dois momentos; o que ele chama de 'bitemporalidade': na infância, elegendo a mãe como objeto, sendo caracterizada pela natureza infantil de seus alvos sexuais e detida pelo período de latência; e, na puberdade, determinando a configuração definitiva da vida sexual, com a escolha de objeto. É importante lembrar que ele introduz o termo 'objeto sexual' para designar de quem provém a atração sexual e o termo 'alvo sexual' para designar a ação para a qual a pulsão impele.

Na verdade, na puberdade, acontece um redespertar das pulsões sexuais que se dá acompanhado pelas mesmas intensas emoções ambivalentes da infância, só que agora as pulsões estão sob o primado das zonas genitais. A escolha de objeto da puberdade tem que renunciar aos objetos infantis para que seja possível alcançar um dos ideais da vida sexual que é a conjugação de todos desejos num único objeto. A renúncia, nesse momento tão importante do desenvolvimento, é feita com a identificação com as figuras parentais, principalmente em razão da crítica que os pais exercem em relação à criança. Essa crítica é internalizada sob a forma de superego.

Freud (1905/1980) destaca dois tipos de identificação: a primária, na qual o sujeito se identifica com a relação de objeto característica da fase oral, o objeto se confunde com o próprio ego, o sujeito regride à simbiose que viveu com a mãe naquela fase; e, a secundária, na qual se estabelece uma relação propriamente dita,

um investimento afetivo com um objeto. Os investimentos nos pais são abandonados e substituídos por identificações.

A libido pode se fixar em alguma das fases do desenvolvimento e, mesmo depois do início da puberdade, os objetos amorosos se transformam em substitutos dos primeiros objetos de amor da infância. Cada encontro com qualquer outra pessoa fora da família pode significar, de algum modo, uma reedição das proibições edípicas.

Segundo Freud (1905/1980), mesmo quem evitou a fixação incestuosa da libido não escapa totalmente da sua influência. O relacionamento entre os pais ou suas próprias experiências amorosas durante a vida influenciam o desenvolvimento psicosexual. Cada indivíduo encontra um modo próprio de se conduzir na vida erótica, que é constantemente reeditado, por isso elabora, refaz, reconstrói. Para Freud (1912/1980), “a transferência é ela própria, apenas um fragmento de repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual.” (p.197). Campos (2000), alerta que a transferência não é uma repetição mecânica, pois o sujeito refaz um modo de escolha de objeto, a relação é transformada.

Necessário se faz elaborar o luto da perda dos objetos libidinais da infância e, a partir dessa elaboração reinvestir sua libido em novos objetos. Freud (1923/1980) discorre sobre o luto como estrutura inicial da formação do ego. A perda do outro desejado e amado é superada com a identificação, com a internalização e com a elaboração da perda desse objeto e o primeiro passo para essa elaboração é o reconhecimento da perda, proporcionado pela realidade. Para ele, esse pode ser o único caminho em que o ego pode sobreviver à perda de seus laços afetivos essenciais com o objeto perdido.

Essa perda se dá quando o bebê começa a perceber que a mãe não é um prolongamento dele, começa a fazer uma imagem de si mesmo, inclusive com suas imperfeições. Segundo Campos (2002), essa é uma função do ego, trata-se do ego ideal. O ideal do ego, herdeiro do complexo de Édipo, núcleo do superego, é o que se quer ser segundo os modelos que se internaliza. Aqui entra a identificação edípiana com os pais.

Segundo Gori (1998), esse processo de identificação vai possibilitar formar o ideal do ego. É importante ressaltar que o superego não é só interdição, tem uma parte que são os ideais, as metas, as expectativas, o ideal do ego. Assim, o processo de identificação durante o Édipo é fundamental para formar o ideal do ego e para a escolha do objeto amoroso.

Freud (1914/1980), em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, postula que existem dois tipos básicos de escolha amorosa: a “escolha objetal do tipo anaclítica” ou de “ligação”, uma escolha de objeto ligada às pessoas que cuidaram da criança na infância; e a “escolha objetal narcisista”, baseada na própria imagem do sujeito.

Os sujeitos que fazem uma escolha objetal do tipo narcísica encontram determinadas dificuldades, pois neste tipo de escolha o que acontece é uma repetição, não conseguem escolher um outro objeto e estabelecer realmente um vínculo.

Investindo sua libido em direção a um outro objeto de amor, sendo responsável e autônomo por todo encontro e/ ou desencontro com o outro, a subjetividade do indivíduo se constitui. É a partir desse encontro com o outro e é nesse encontro com o outro, que se reconhece e se constitui como sujeito. Reconhecer a falta, a incompletude, abre espaço para a entrada do outro em sua vida.

1.2 - A escolha objetal narcísica

Na atualidade, pode-se observar um certo mal estar associado às relações amorosas e é justamente a dificuldade que os sujeitos narcísicos encontram para estabelecer vínculos. Quando o desejo de se poder manter o ideal narcísico de completude encontra a frustração surge um mal-estar.

Uma das conseqüências dessa frustração pode ser o isolamento, as pessoas podem evitar investir em um relacionamento amoroso. Segundo Crawley, citado por Freud (1918[1917]/1980), “cada indivíduo é separado dos demais por um ‘tabu de isolamento pessoal’ e que constitui precisamente as pequenas diferenças em pessoas que, quanto ao resto, são semelhantes, que formam a base dos sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles.” (p.184).

Freud sugere que desse ‘narcisismo das pequenas diferenças’, como ele chamou, pode derivar a hostilidade que dificulta as relações humanas. As diferenças entre as pessoas podem se tornar uma ameaça para as relações. Os homens primitivos se escondiam nas cavernas quando temiam algum perigo. Já na época de Freud, quando temiam algum perigo psíquico ou físico, instituía um tabu. E na atualidade? Será que as diferenças ameaçam as relações?

Pensando nisso, é importante lembrar que, no campo da Psicanálise, o conceito de narcisismo, designa um amor a si mesmo e representa um modo particular de relação com a sexualidade.

O termo narcisismo foi escolhido por Paul Nacke em 1899 para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades. Desenvolvido até

esse grau, o narcisismo passa a significar uma perversão que absorveu a totalidade da vida sexual do indivíduo... (Freud, 1914/1980, p.89).

Para Freud, um certo grau de narcisismo faz parte do instinto de preservação. Contudo, quando a pessoa já sofreu alguma perturbação no seu desenvolvimento, tende a adotar a si mesma como modelo para a escolha do objeto amoroso, fazendo uma “escolha objetal narcisista”. A satisfação em uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado e em uma escolha objetal de ligação consiste em amar. Freud (1914/1980) diz: “Um indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor de outra pessoa por ele.” (p.116).

Quando o sujeito faz uma escolha objetal narcísica, tende a ver o objeto de forma idealizada, a realidade psíquica não coincide com a realidade externa. Mezan (1993) fala que há um jogo de sedução e para falar de sedução buscou a imagem de Don Juan, que marcou nossa cultura, fascinando o imaginário ocidental.

Para Mezan (1993), Don Juan deseja e esse desejo tem efeitos sedutores, exerce fascínio. Num gesto narcísico ele idealiza e elogia as mulheres das quais se aproxima e elas por sua vez acreditam, se identificam; tanto o sedutor quanto o seduzido têm um ganho narcísico. Ele diz: “...o objeto narcísico é projetado sobre o objeto externo, e no qual este objeto externo se identifica com o objeto narcísico que cintila à sua frente.” (p.37).

Para exemplificar, Mezan traz o personagem de Dona Elvira, tido como o mais trágico da história de Don Juan, devido à intensidade de suas paixões, marcado pela ambivalência entre amor e ódio.

O desejo de Don Juan, em sua visada narcísica, a imantou; ele lhe disse certamente que era a mais bela, a única, etc. No discurso de Don Juan, ela parecia

como aquilo que o preencheria totalmente, e seu engano foi acreditar nisso. Dona Elvira passa a se ver como preenchedora/preenchida, sem falhas e capaz de obturar a falha desejante do outro – a dupla que forma com Don Juan (...) reproduz a díade narcísica mãe/filho. E Dona Elvira se identifica com a imagem que dela sugere Don Juan; esta identificação especular será alienante e tenaz a ponto de sobreviver a quaisquer desmentidos da realidade... (Mezan, 1993, p.37).

Essa cena alude a um processo gratificante, prazeroso, traz uma imagem da completude narcísica, por isso o seduzido se submete à “sedução”, por isso resiste à frustração imposta pela realidade de que Don Juan conquista e abandona. Nesse sentido, a sedução é mais complexa do que a mera busca de prazer.

Don Juan é “um ser do instante”, seu passado não lhe interessa. Ele satisfaz seus desejos e se põe a buscar um novo objeto e assim sucessivamente.

A Psicanálise nos diz que o desejo narcísico de completude é impossível de ser realizado, posto que a condição da falta é a própria condição humana. Assim, as promessas envolvidas na sedução não podem ser cumpridas e conduzem à decepção.

No início de uma relação, surgem fantasias, idealizações e estas podem representar a possibilidade de restauração do narcisismo ferido. Um desejo de que um outro, com os mesmos desejos, venha resgatar para sempre da condição da falta, recuperar a onipotência. Contudo, o outro escapa, ganha corpo e existência concreta para além das fantasias. Percebe-se que o outro não pode estar sempre e não pode dar tudo. A realidade se instala mais uma vez e revela a falta que estava sendo negada. Revive-se a decepção do bebê que perde a condição de único no desejo da mãe.

Com a percepção da realidade e o reconhecimento da falta, faz-se necessário transformar os investimentos de objeto em identificações, o que contribui para a formação do sujeito; contém a história de suas escolhas objetais, das suas

identificações com o outro. A dor da perda só é suportável, quando se fica com algo de quem se perde, com as identificações.

Talvez o maior desafio dos sujeitos numa relação amorosa seja o de não se furtarem ao encontro, ao vínculo, pelo contrário, aprofundá-lo. Reconhecer que o outro existe faz entrar em contato com a incompletude e isto é necessário, pois é uma grande ilusão acreditar que é possível bastar-se a si mesmo, construir-se como objeto sem o outro. Quando se fala em “encontro”, refere-se aqui a uma consolidação do vínculo durante o desenvolvimento da relação e exige um contato dos sujeitos com a realidade, com a capacidade de lidar com o diferente.

A realidade inclui a possibilidade da perda e da separação, saber que não se têm garantias, desfazer de ilusões, tal como se sabe sobre a própria morte. Assim é que se configura a única possibilidade de constituir-se como sujeito.

Constituir-se como sujeito nos remete às relações objetais e podemos pensar na família como espaço para as primeiras relações de objeto. Sabe-se que uma das características da era industrial foi a de lançar as bases e consolidar a família nuclear burguesa, na qual os pais se constituíram, para a criança, como primeiros objetos libidinais de referência. Assim, no próximo capítulo, a tentativa será de refletir sobre a forma com que a transformação da família, desde a era industrial até os nossos dias, pode ter influenciado no tipo de escolha de objeto e nas relações amorosas da atualidade.

Capítulo 2 - A Transformação da Família

Nas últimas décadas, profundas e rápidas transformações políticas, econômicas e sociais coincidiram com mudanças significativas no contexto familiar.

No atual momento histórico, existe tanta diversidade de organizações familiares que adotar uma definição de família é difícil, poderia limitar sua dinamicidade. Diante dessa realidade, é importante refletir sobre a necessidade de lidar com o novo, com o diferente e na constituição da subjetividade que essa vivência possibilita ao sujeito.

Compreendendo a família como sendo historicamente construída, busca-se através dos modelos da família moderna e dos novos arranjos familiares, compreender de que forma influenciam na constituição subjetiva dos sujeitos e nas suas escolhas amorosas.

2.1. A família nuclear moderna e os novos arranjos

No livro *História social da criança e da família*, Áries, ao elaborar um estudo iconográfico sobre a família na sociedade francesa, registra que o sentimento de família vai sendo gestado a partir do século XV e que o processo de nuclearização da família significa que esta se desprende da parentela, passando a constituir um mundo privado.

Este processo é acompanhado de novas relações para com a criança e para com a casa. A família passou a demandar “zonas de intimidade física e moral” (p.265), rompendo-se com a alta densidade social, prevalecente até o fim do século XVII, quando ninguém ficava sozinho, sequer nos cômodos da casa. Áries considera, como

uma das maiores mudanças no cotidiano, a especialização dos cômodos da habitação. Como novas regras, os criados são mantidos à distância, a intimidade própria e alheia passa a ser defendida e respeitada, a ponto de não se ir mais à casa de alguém sem aviso prévio.

A família conquista maior intimidade e se fecha em si mesma. Enquanto despreendida de redes de parentesco mais extensas, constituiria, neste sentido, uma manifestação do individualismo. Desse movimento familiar, vai surgir um indivíduo mais “livre”, mais privatizado, caminhando em direção ao capitalismo que o fará consumir cada vez mais, na busca de satisfação de necessidades imediatas.

Segundo Áries (1981), “No século XVIII, a família começou a manter a sociedade à distância, a confiná-la a um espaço limitado, aquém de uma zona cada vez mais extensa de vida particular”. (p.265). A sociedade não podia interferir nas relações internas da família burguesa, que mantinha um nível de privacidade ainda desconhecido na história da civilização, essencial para o fortalecimento da família como parte do organismo social e, posteriormente, como unidade de consumo.

A família rompe com os padrões anteriores de organização e constata-se que essa organização familiar, a partir do século XVIII, se estendeu a todas as camadas sociais, se impôs, transformando a forma de ver, agir, sentir e pensar das pessoas. Conforme Áries (1981), “esse grupo de pais e filhos, felizes com sua solidão, estranhos ao resto da sociedade, não é mais a família do século XVII, aberta para o mundo invasor dos amigos, clientes e servidores: é a família moderna”. (p.270).

Pais e filhos desenvolvem vínculos de profunda afetividade, e cada criança é motivo de atenção e cuidado individualizado, tornam-se tanto emocional quanto fisicamente mais próximos. A mãe passa a ocupar-se ela mesma dos cuidados com os filhos e o pai, embora seja figura de autoridade, não está isento de proximidade

física; é homem e marido. A mulher proporciona satisfação para o filho e para o marido.

Segundo Áries (1981), “A reorganização da casa e a reforma dos costumes deixaram um espaço maior para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças”. (p.267). A nova organização da família confere à relação entre pais e filhos proximidade e intensidade emocional, pois “entre o fim da Idade Média e o século XVII, a criança conquistou um lugar junto de seus pais”. (p.270).

No caso brasileiro, segundo Costa (1999), em seu livro “Ordem médica e norma familiar”, bastou-nos constatar que, tendo ou não existido o sentimento de intimidade familiar anteriormente, suas manifestações até começos do séc. XIX foram raras. E que, em seu surgimento ou revitalização, a medicina teve um papel fundamental com sua política de higienização da família, que progrediu em relação direta com a urbanização.

O Estado, voltado para o desenvolvimento industrial, tinha necessidade de um controle demográfico e político da população adequado àquela finalidade. No entanto, não podia lesar as liberdades individuais que sustentavam a ideologia liberal. Criam-se, assim, as intervenções normativas que, propondo defender a saúde física e moral das famílias, executavam a política do Estado em nome dos direitos do homem.

O objetivo higiênico de recondução dos indivíduos à tutela do Estado redefiniu as formas de convivência íntima, assinalando, a cada um dos membros da família, novos papéis e novas funções. Estimulando a competição interna entre eles, freando aqui e ali os excessos individuais, dando novas significações aos vínculos entre homens, mulheres, adultos e crianças, a medicina higiênica

formulou, enfim, uma ética compatível com a sobrevivência econômica e a solidez do núcleo familiar burguês. (Costa, 1999, p.109/110).

Conforme Costa (1999), todas as lições de amor e sexo dadas à família foram impostas como manipulação político-econômico da classe social burguesa. O amor executava a tarefa de criar e regular os novos papéis sociais do homem e da mulher.

A partir do modo como homens e mulheres reagiam aos sentimentos, a higiene fixou características supostamente típicas de cada sexo, o que criou obstáculos à união entre os mesmos. Dentre outras, a mulher seria mais passiva, submissa, amava mais e o homem seria mais racional, autoritário, menos amoroso. Uma unidade conjugal ficou difícil de ser concebida com essa disparidade física e sentimental. Então, foi ensinado que seria enquanto pai e mãe que o homem e a mulher poderiam entrar num acordo.

Assim, enaltecendo o amor, a higiene visava estimular a responsabilidade do casal na manutenção do casamento. Sexo com amor e procriação significava tirar o máximo prazer da vida em família. Produzir e manter os filhos era importante para que o custo da educação dessas crianças abandonadas não ficasse por conta da administração pública e também para que não aumentasse a mortalidade infantil. Assim, criou-se a unidade entre sexo, amor, matrimônio e procriação; a sexualidade fora do casamento, sem amor e sem procriação era tida como ilícita.

Segundo Roudinesco (2003), na família “moderna”, o casamento passou a ser legitimado com liberdade de escolha e não mais por interesses. A família passou a ser fundada na reciprocidade dos sentimentos e desejos carnavais por meio do casamento. A divisão do trabalho entre o casal passou a ser valorizada.

As fábricas passaram a produzir os meios de subsistência que antes eram produzidos pela família, o mundo do trabalho saiu do contexto da família e nessa

separação aconteceu também uma divisão sexual: o homem, que era o chefe da família, foi obrigado a vender sua força de trabalho no mercado. As mulheres também foram requisitadas para o trabalho muitas vezes excessivo, com salários inferiores aos dos homens, o que ainda acontece atualmente.

Conforme Roudinesco (2003), a valorização do casamento por amor se traduziu em uma “moral civilizada” que exigia que o amor e a paixão ficassem restritos ao casamento, sendo condenado o prazer fora do casamento. Além disso, para ser útil à família industrial, a libido deveria ser orientada para atividades “rentáveis” (instrução, economia). Ela fala que este programa vitoriano foi contestado por representantes de diferentes movimentos de liberação.

Os Estados substituíram a autoridade dos pais. As instituições educativas, sociais, médicas e culturais organizaram a vida privada de cada um para fazer da família o núcleo normativo de uma individualidade cidadã e democrática.

Para Roudinesco (2003), o resultado foi desastroso, reduziu-se a família a um “empreendimento jurídico-comportamental”, foi uma atitude positivista em reação à grande onda de contestação dos anos 1965-75.

Segundo Roudinesco (2003), a família ocidental, baseada durante séculos na soberania do pai, foi desafiada pela irrupção do feminino, um movimento que gerou angústia ligada ao terror da abolição da diferença dos sexos e da dissolução da família. Ela comenta que a preocupação dos conservadores da época, era com o fato de que, sem ordem paterna, a família “mutilada” das sociedades pós-industriais se entregasse ao hedonismo e não fosse capaz de transmitir seus próprios valores.

Com a Primeira Guerra Mundial, caracterizada pela matança dos homens, as mulheres foram obrigadas a trabalhar para continuar a viver e permaneceram no mercado de trabalho devido à redução dos níveis de rendimento familiar. Livraram-

se da proibição de se misturarem à vida da cidade. Sozinhas, tiveram filhos e estes não conheceram os seus pais.

A partir de 1960, impõe-se a família dita “contemporânea”, baseada na união de dois indivíduos, por uma duração relativa, que buscam relações íntimas, realização sexual. Houve uma separação entre o desejo de feminilidade e o desejo de maternidade, entre o desejo de prazer e o dever de procriar. Quanto mais a frustração sexual diminuía, mais o divórcio se normalizava e mais a família nuclear se reduzia e se tornava incessantemente recomposta.

Segundo Roudinesco (2003), a transmissão da autoridade vai se tornando cada vez mais problemática à medida que os divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam. A preocupação da época era que a família fosse rejeitada por seu poder repressivo e se extinguisse. Uma revolução dos costumes que consistiu ora em desejar, ora em temer a morte da família.

Busca-se a igualdade entre os parceiros, a ênfase no companheirismo, na amizade e no apoio afetivo. A mulher busca seu próprio caminho, não deseja mais se dedicar exclusivamente à família, questiona a virgindade e o homem deixa de ser o “senhor do lar”, ajuda nas tarefas domésticas e se torna pai e marido. Estas alterações levaram os casais a repensarem as relações afetivas e os papéis tradicionalmente ocupados pelo homem e pela mulher, buscando o afeto sincero. O casal procura manter preservada a sua intimidade, mas também busca a companhia de outros casais.

A família permanece unida pela identificação de idéias e sentimentos entre os seus membros, reforçando a interação pessoal. Deixa-se de impor autoridade sobre os filhos para se “relacionar” com eles, que são tratados como “amigos”, como iguais, procurando-se encaminhá-los para uma vida independente, onde se associem a outros

grupos, valorizando a autonomia, respeitando as diferenças e confirmando sua identidade.

Os princípios da família moderna sofreram mudanças substanciais, aquele modelo em que o pai era o detentor dos meios de produção e responsável único em prover as necessidades materiais da família, já não é uma realidade única. O enfraquecimento econômico, obrigou o homem a dividir com a mulher a realização das tarefas domésticas e o cuidado com os filhos e a deixar de ser aquela figura paterna como padrão absoluto de autoridade. A mulher começou a manter aspirações que o casamento e a família não podiam satisfazer.

A família moderna, antes protegida pela intimidade e pelo afeto reduzido a pais e filhos, abre-se para o convívio social, inclusive para a participação da escola na educação dos filhos e adquire uma pluralidade de sistemas, normas e valores, possibilitando o surgimento de diferentes formas de relacionamentos e comportamentos.

Na década de 60 os jovens enfrentavam claramente a autoridade parental numa tentativa de desconstruir crenças e valores, gerando uma revolução nos comportamentos e na moral. A adolescência desta geração foi marcada pela rebeldia, transgressão, desligamento da família e ideal de liberdade. Os jovens partiram para a aquisição de novos ideais, para a busca de novas formas de relação. Como resultado deste processo, a família autoritária sofreu um abalo durante a fase do liberalismo da sociedade burguesa. Segundo Roudinesco (2003), a juventude reivindicava uma outra autoridade, uma nova ordem simbólica, uma nova lei do mundo e do desejo, capazes de responder às mudanças na família.

Foi logo depois da Segunda Guerra, que as técnicas de regulação dos nascimentos substituíram a interrupção do coito e o uso dos preservativos masculinos. Com

planejamento familiar ou com técnicas para impedir a fecundação, as mulheres conquistaram direitos e poderes.

Durante a segunda metade do século XX, a generalização de novas regras estéticas impostas pelo mercado da moda e a domesticação padronizada das aparências corporais contribuíram para uma verdadeira revolução da condição feminina. Nesse contexto, as mulheres passaram a se preocupar mais com sua imagem e a garantir papéis sociais que antes era apenas destinado aos homens.

Na aurora do séc. XXI, as mulheres podem se recusar a ter filhos, controlar o número de filhos, procriar filhos de diversos leitos e fazê-los coabitarem em famílias ditas “co-parentais”, “recompostas”, “biparentais”, “multiparentais”, “pluriparentais” ou “monoparentais”. A difusão dessa terminologia, derivada do termo “parentalidade”, traduz tanto a inversão da dominação masculina, que Roudinesco (2003) evoca como um novo modo de conceitualização da família: “lugar de poder descentralizado e de múltiplas aparências, (...) inventada pelo individualismo moderno e logo dissecada pelo discurso dos especialistas”. (p.155).

A noção de “família recomposta” remete ao movimento de dessacralização do casamento e de humanização dos laços de parentesco. A família, consciente de sua “desordem”, mas preocupada em recriar um equilíbrio entre homens e mulheres, fez brotar de seu próprio enfraquecimento um vigor inesperado. Construída, desconstruída, reconstruída, recuperou-se. Alguns filhos sendo educados sob a autoridade de dois pais e duas mães, sob o mesmo teto que seus meios-irmãos ou meias-irmãs, crianças apelidadas de “bastardas” sendo chamadas de “naturais” e sendo integradas à norma de uma nova ordem familiar recomposta.

Segundo Roudinesco (2003), após a contestação da década anticapitalista e libertária, sucedeu-se um retorno à norma centrada em busca da reconstrução de si.

Para ela, é nesse contexto que aparecem as primeiras experiências de homoparentalidade. Pela primeira vez no Ocidente, mulheres e homens homossexuais poderiam pensar nos progressos da inseminação artificial que abriram caminho, no domínio da procriação, para uma possível substituição das relações sexuais por uma intervenção médica.

São os avanços tecnológicos, as novas tecnologias reprodutivas, tema que poderá ser desenvolvido numa próxima oportunidade. O controle da natalidade, a clonagem e a inseminação artificial estão provocando discussões sobre o que seja família.

Observa-se que a ordem de procriar ficou inteiramente reservada ao poder das mães, detentoras da responsabilidade ora de designar o pai, ora de excluí-lo. Abre-se caminho para os debates sobre a questão das origens, inclusive em relação à clonagem.

Assim, vão se formando novos e diferentes arranjos familiares: famílias com base em uniões livres (sem o casamento civil e religioso); famílias monoparentais decorrentes de divórcio, separação ou abandono, pais ou mães solteiras que assumem seus filhos, “produção independente”, sem o casamento e o convívio com o pai da criança; famílias formadas por casais homossexuais (alguns moram juntos e assumem cuidados com um filho de relacionamento anterior, parente ou uma criança em estado de abandono) e famílias formadas por pessoas convivendo no mesmo espaço, sem vínculos de aliança ou consangüinidade, mas com ligações afetivas de mútua dependência e responsabilidade. (Berquó, 1998).

A revolução industrial, que exigiu maior número de mão-de-obra nas fábricas; o movimento feminista, que veio alterar significativamente o mundo da mulher; o movimento da juventude, exigindo novos valores, associado às mudanças estruturais

nos modos de produção, são alguns dos fatores relevantes para o surgimento dos novos arranjos familiares.

2.1.1. Os novos arranjos familiares

A partir da segunda metade do séc. passado, a família vem se apropriando de sua diversidade. O ingresso das mulheres no mercado de trabalho, a emancipação feminina, as mudanças sócio-econômicas e culturais, o divórcio, mudaram o jeito de estar em família. As famílias estão se organizando mais de acordo com os desejos antes reprimidos pela burguesia.

Cada vez mais horizontal, distribui o poder de forma mais igualitária entre homens e mulheres, entre pais e filhos. Nas contingências que cercam a família hoje, como por exemplo o desemprego, há uma flexibilização nos papéis familiares. Nem sempre só o homem ou só a mulher pode exercer o papel de provedor, ou o papel de cuidar dos filhos ou da casa, os papéis estão sendo compartilhados por ambos os cônjuges. O pai, antes distante, se aproxima afetivamente dos filhos, participando ativamente do cuidar, facilitando as identificações e os diálogos. Na falta dos pais, cuidam as tias (os), os avós, as babás, a escola e outros.

Convém mencionar que, fatores como o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, tanto pela necessidade da família de aumentar a sua renda como pelo ideal das mulheres de realização profissional; a redução de níveis de renda ou até mesmo o predomínio do individualismo podem ter contribuído para a redução no tamanho da família.

Já no caso de casamentos sucessivos, as famílias se constituem de forma mais ampliada, incluindo novos parceiros (marido da mãe, mulher do pai), os filhos e os

irmãos agregados. Os filhos muitas vezes assistem ao casamento de seus pais, pois hoje não há mais ligação entre casal, casamento e família, como já houve na história.

Araújo e Andrade (2001), observam que parece prevalecer no imaginário coletivo da nossa sociedade a idéia de que família perfeita é a que segue as tradições, formada pelos pais e filhos, vivendo numa casa harmoniosa para sempre, ou seja, o modelo da família nuclear burguesa.

É interessante observar que apesar do processo de mudança, ainda observa-se uma certa dificuldade de aceitação e reconhecimento dos novos arranjos familiares, pois suas características contestam os padrões culturais existentes. Entretanto, os novos arranjos apontam para o fato de que este modelo mostra-se restrito para acompanhar o processo de mudança da atualidade.

A pluralidade na configuração da família incomoda nossa sociedade, onde ainda predominam modelos que passam da família rural à patriarcal, chegando na nuclear e nas pluricompostas. O imaginário da sociedade parece ser permeado por valores ligados a uma perspectiva de família nuclear, porém estes ideais precisam ser freqüentemente adequados à realidade. É inesgotável o repertório de como se organizar em família e parece impossível um formato único que dê conta da complexidade da família e das relações humanas.

A pluriparentalidade está presente, seja através dos novos arranjos familiares que se formam com os divórcios e recasamentos, seja através da circulação das crianças, ou ainda das novas tecnologias reprodutivas, embora a sociedade ainda resista a enxergá-la. O enaltecimento da família nuclear talvez seja um dos impeditivos para a criação, até o momento, de termos que expressem esta pluralidade de laços.

Nessa fase de transição, as descrições (mulher do pai, marido da mãe, mãe do irmão, pai da irmã etc.) são intermediárias entre palavras que não têm o significado adequado e neologismos que no futuro venham a traduzir a relação.

Em algumas regiões do Brasil, durante muito tempo, as relações conjugais sem vínculo legal foram designadas por “concubinato”, “relações maritais”, “amasiamento” e o filho dessa forma de relacionamento era “bastardo”, “filho da mãe”, “filho natural”. O que mostra a discriminação das pessoas quando se foge do modelo padrão. Essa realidade, vivida por grande parte da população, já foi legitimada pela nova Constituição. Isso mostra que as mudanças são tantas que interfere até na lei.

Até a Constituição de 1969, a família era constituída legalmente com base no casamento, cujo caráter era indissolúvel. Já na Constituição de 1988, o casamento deixa de ser o eixo fundamental da família. Diante do aumento das uniões livres, é considerada como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, independente da existência do casamento civil ou religioso.

A nova Constituição reconhece a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar (art.226, 3) e a família sendo definida como a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (art.226, 4). Assim, o Brasil legaliza a situação dos filhos ditos “naturais” e das uniões ditas “livres”. Nesta definição encaixam-se perfeitamente as famílias monoparentais com chefia masculina ou feminina. Ficam fora desse conceito de família as unidades familiares nas quais não existam laços de aliança e/ou consangüinidade e as famílias compostas por casais homossexuais.

Araújo e Andrade (2001), falam que tudo o que se diferencia do modelo de família composto pelo pai, pela mãe e pelos filhos é muitas vezes considerado

“desvio”, “desorganização”. Contudo, advertem, que não é coerente falar de “desorganização”, mas de “polimorfismo familiar”, posto que cada vez mais as famílias se distanciam desse modelo.

Cada família possui características próprias, cada uma se constitui em um caso particular e específico. Segundo Peres (2001), no contexto familiar, é importante compreender as relações entre os seus membros e o clima psicológico que os envolve, pois as famílias têm diferentes formas e estilos próprios de funcionar, não sendo possível fazer generalizações.

Ao contrário de avaliar a família pela sua composição, tomando como base a família nuclear, deve-se procurar compreendê-la pelos seus valores, pelas relações de afeto, respeito, dependência, reciprocidade e responsabilidade que possam existir.

O fato de a família ser importante, não significa que ela seja um padrão para todos. Os novos arranjos familiares estão mostrando que existem diferentes possibilidades. Segundo Costa (1999), quando a higienização concentrou amor e sexo na família, muitas dinâmicas afetivas e sexuais ficaram presas na família nuclear ocidental.

Entretanto, a família tem apresentado diversas composições e características no decorrer da história e, inclusive, num mesmo espaço histórico, têm coexistido, e ainda coexistem, diversos modelos. Embora o modelo de família nuclear moderna predomine na nossa sociedade, não se pode considerá-lo como o único.

Roudinesco (2003) afirma que o casamento está em constante declínio e que, atualmente, quando acontece, é tardio, reflexivo e, com frequência, precedido de um período de união livre, de concubinato ou de várias experiências de vida comum ou solitária. Dessacralizado, festivo, útil, com duração aleatória, pode se consumir com o divórcio (consentido, passional ou litigioso) e com a situação “monoparental”.

Segundo Roudinesco (2003), essas “desordens” não são novas e não impedem que a família seja atualmente reivindicada como “o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres, e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições”. (p.198). Mesmo o princípio da autoridade estando em crise na sociedade ocidental, ela acredita que a família é capaz de favorecer o surgimento de uma nova ordem simbólica e que deve ser mais uma vez reinventada. Afirma que o importante é manter o equilíbrio entre o um e o múltiplo de que todo sujeito precisa para construir sua identidade.

No entanto, quando se fala em desordem, é importante pensar em que ordem se baseia? Quando se fala que a família está desestruturada, baseia-se em que estrutura? Nesta família plural, convivem irmãos e pais que vêm de outros casamentos, de culturas e gerações diferentes; mulheres sozinhas criam seus filhos com a ajuda da rede de amigos (o que em algumas camadas sociais já se faz há muito tempo). Será que se pudermos olhar para o novo, sem nostalgia, vamos enxergar de fato uma desordem? Ou apenas o diferente?

As formas de estabelecer vínculos entre os seres humanos variam enormemente, tanto de uma época para outra quanto na mesma época. Assim, a diversidade das formas de convivência humana não é privilégio de nossa época. No entanto, atualmente, observa-se uma verdadeira revolução no modo de pensar e estabelecer ligações com outros. Convive-se com diversas formas vinculares, nenhuma necessariamente melhor ou pior que as outras. Ao lado de formas tidas como tradicionais, por exemplo, o tipo de família nuclear; há outras constituídas por casais homossexuais, monoparentais, recasados e tantas outras. É um verdadeiro contingente da diversidade! Não se sabe ainda quais serão as vantagens ou

desvantagens que cada uma delas acarretará para o ser humano, principalmente para as crianças, uma vez que, por serem formas recentes, não permitem uma avaliação fundamentada. O que se pode destacar de todas essas transformações é que, apesar de tanta diversidade, ainda existe dificuldade em aceitar as diferenças.

Nesse sentido, necessário se faz incentivar pesquisas sobre os novos arranjos familiares e suas repercussões na vivência familiar, visto que o crescimento dessas interações como fenômeno social é acompanhado por transformações psicológicas que precisam ser conhecidas no nosso contexto cultural.

2.2 – Subjetividade e atualidade

Compreendendo que as transformações contínuas e significativas, sociais, econômicas e políticas têm causado grande impacto na vida dos indivíduos, propõe-se pensar no sujeito e nos seus desejos, refletindo sobre a condição da subjetividade na atualidade.

Freud, no final dos anos 20, escreveu o “Mal-estar na civilização”, suas indagações são ainda hoje perturbadoras e mais atuais do que nunca. Para ele, a promessa de completude é um mito, a terra prometida é uma ilusão. A sociedade moderna deixou o indivíduo infantilizado à espera do paraíso, impôs novas exigências para a subjetividade. As infinitas opções e escolhas aumentaram as incertezas do sujeito e geraram impasses e obstáculos.

Nas últimas décadas, o ocidente foi marcado por uma nova forma de subjetividade caracterizada pelo autocentramento do sujeito no eu. Conforme Giddens (1993), o autocentramento se apresenta sob a forma da “estetização da existência”, onde o que importa para a individualidade é a “exaltação gloriosa do

próprio eu”. Excessivamente preocupado com o seu próprio eu, o indivíduo se transforma numa espécie de máscara para a exibição, para fascinar e capturar a admiração dos outros.

Nesse contexto, a mídia de um modo geral, seria fundamental para essa cultura da imagem e do espetáculo. O externo assumiu uma posição muito importante para a vida interna do indivíduo. Na cultura da estetização do eu, há uma preocupação desmedida na constituição da imagem pela individualidade, é como se o sujeito valesse o que parece ser.

Assim, poderíamos pensar que há um desdobramento naquilo que se denominou, desde o final dos anos 60, de “cultura do espetáculo”, conforme Debord (1997). A exibição se transforma na razão de ser do sujeito, a imagem é devidamente produzida para encantar o espetáculo da sedução. Na “cultura do espetáculo”, o indivíduo se submete à exigência infinita da “performance”, que faz acreditar no seu poder e fascínio. Nessa performance, que também seria marcada pelo “narcisismo”, o que importa é a glorificação permanente do eu.

Nessa perspectiva, é interessante refletir se o desejo segue essa mesma direção, o que poderia deixar um vazio no campo das relações, das trocas inter-humanas, da intersubjetividade. Para muitos, o valor do indivíduo parece estar no objeto que ele consome, parece que o que importa é o que se tem e não o que se é; pode-se passar a viver na dependência das trocas e não das relações.

O outro pode passar a ser apenas um objeto para o engrandecimento da auto-imagem e descartado quando não interessa mais ou quando serve de obstáculo para a auto-satisfação. O desejo pode ficar restrito a obter prazer do corpo do outro a qualquer custo e não é por acaso que estamos assistindo a tanta violência.

Segundo Birman (2001), não se trata de uma crítica da modernidade enquanto tal, mas dos impasses que a modernidade constituiu para o sujeito, das promessas de felicidade feitas pelo progresso e pela razão científica, que jamais seriam alcançadas. O homem desamparado busca soluções rápidas e aliviadoras, que prometem a cura, a salvação, o prazer imediato, o fim da dor. As pessoas estão recuando diante do diferente, do imprevisível, das incertezas. Ele recorda que a vida implica correr riscos e aceitar desafios e que viver é muito mais do que sobreviver.

O desamparo instaura o mal-estar na atualidade. A psicanálise afirma que a condição do sujeito é o mal-estar e é nessa condição que ele se mantém desejanste. O desamparo fundamenta o sujeito, ele não tem garantias, é marcado pela finitude, pelo imprevisível, pelo vazio, pelo abismo, pela morte.

Conseguir suportar a dor provocada pela posição de desamparo é o grande desafio do sujeito. Construir seu próprio estilo de viver, transformar o real em desejo, aceitar o diferente. Recusar a diferença é matar o outro para manter a onipotência, o narcisismo, para não confrontar com o desamparo.

As culturas do “narcisismo” e do “espetáculo” construíram um modelo de subjetividade que parece silenciar as possibilidades de recriar o sujeito. O desejo parece estar sucumbindo frente à exaltação do “narcisismo”, na demanda de autocentramento e de “espetáculo”. A exigência parece ser sempre a busca da melhor performance, da glorificação do eu, e quando não consegue atingir seu objetivo, adoece, caracterizando os diferentes tipos de funcionamento psicopatológico da atualidade.

Segundo Birman (2001), o que define a psicopatologia são os quadros clínicos fundados no fracasso da participação do sujeito na cultura do “narcisismo”. Quando o sujeito adoece não exerce fascínio e é considerado um fracassado. Pelo uso

sistemático de drogas procura ter acesso à cultura do espetáculo e ao mundo da performance. Necessita glorificar o eu, mesmo que por meios bioquímicos e psicofarmacológicos.

A intervenção psicofarmacológica busca silenciar a dor psíquica, evitar qualquer tipo de sofrimento. São formas encontradas para evitar o confronto com o desamparo, com os obstáculos e, muitas vezes, se esquece de considerar a história do sujeito e a sua subjetividade.

O narcisista nega a sua dor e acaba ficando insensível diante da dor do outro, precisa de imagens espetaculares para conseguir se impactar. Conforme Birman (2001), no espetáculo da cultura do narcisismo, não se admite personagens sofrentes e desesperados. O que interessa agora é a estetização da existência, a inflação do eu e a performance. As idéias de intimidade e interioridade tendem ao silêncio no universo do espetacular.

Freud, desde os “Estudos sobre a histeria”, entrou em contato com a dor do sofrimento humano, quando escutou cuidadosamente a histeria. Descobriu que o sintoma surge quando o desejo não pode ser reconhecido e pronunciado. O medo de que o desejo cause repulsa social, impede que o sujeito possa reconhecer esse desejo, gerando o sintoma.

O desejo seria a condição de reinvenção do sujeito, possibilita transformações, capacita o sujeito para reinventar a sua história, para criar novas possibilidades de ser, incluindo a possibilidade de reenviar o desejo ao outro. Contudo, as culturas do “narcisismo” e do “espetáculo” construíram um modelo de subjetividade em que se silenciam as possibilidades de reinvenção do sujeito e, conseqüentemente, das relações amorosas.

Na cultura do “narcisismo”, o outro, muitas vezes, é visto como uma ameaça, reconhecido como um inimigo ou como um rival, na medida em que gera incertezas. Mas, não se pode esquecer que o outro pode ser uma abertura para o possível, pois coloca o sujeito diante da sua diferença, impondo-lhe o reconhecimento da experiência da alteridade e da intersubjetividade.

Segundo Birman (2001), o sujeito oscila permanentemente entre o pólo narcísico e o pólo da alteridade. Se o outro for capaz de seduzir o bastante, de despertar a possibilidade de satisfação desejante do sujeito, ele pode pender para o pólo da alteridade e as relações amorosas, a experiência da diferença e o desejo se tornam possíveis.

O que se pode observar é que nunca foram oferecidas tantas oportunidades quanto na sociedade moderna e, nesse contexto, as possibilidades de viver também se modificaram. São novos ideais e novas condições psicológicas propiciando o surgimento de um novo tipo de homem, centrado em sua individualidade.

2.2.1 – Subjetividade, atualidade e relacionamento amoroso

Hoje, as expectativas com relação à intimidade são diferentes. A realização dos próprios projetos e das suas próprias exigências de prazer parece ser prioridade.

Defender-se do outro que pode ameaçar a sua liberdade ou voltar-se para o outro, arriscando se frustrar? Esse é um conflito que parece marcar a subjetividade atual.

Tanto homens quanto mulheres parecem avaliar as relações amorosas como um risco. Assim, cultivam relações superficiais para se protegerem contra possíveis frustrações.

As relações pessoais têm-se tornado cada vez mais arriscadas – obviamente, porque não mais implicam qualquer segurança de permanência. Os homens e as mulheres fazem extravagantes exigências uns aos outros e experimentam raiva e ódio irracionais, quando aquelas não são satisfeitas. (...) O separatismo sexual é uma só entre muitas estratégias para controlar e fugir a fortes sentimentos. (Lasch, 1983, p.243).

Para ele, hoje em dia muitos homens e mulheres procuram fugir do sentimento, não só porque tenham sofrido muito nas relações de amor, mas porque sentem medo da intensidade de suas próprias necessidades internas que podem evocar fantasias pré-edípicas e dificultar as relações do adulto.

Além da questão interna, ele cita também alguns fatores sociais, tais como: a liberação sexual, a busca do prazer sexual como um fim em si mesmo, a sobrecarga emocional das relações pessoais e, o que considera mais importante, a resposta masculina à emergência da mulher liberada, são fatores que influenciariam certas dificuldades nas relações entre homens e mulheres.

Lasch (1983) recorda, que antigamente os homens queixavam-se da falta de resposta sexual em mulheres e que agora, consideram esta resposta intimidante e se preocupam quanto à sua capacidade de satisfazê-las. Com os anticoncepcionais facilitando as relações sexuais desligadas da procriação e do casamento, agora existe uma demanda cada vez mais insistente da mulher pela satisfação sexual.

Depois que o domínio direto do homem sobre a família ficou enfraquecido, o controle das mulheres sobre a criação dos filhos aumentou à medida que as famílias ficavam menores.

A idealização da mãe foi parte integrante da moderna construção da maternidade, e sem dúvida alimentou diretamente alguns dos valores propagados

sobre o amor romântico. A imagem da ‘esposa e mãe’ reforçou um modelo de ‘dois sexos’ das atividades e dos sentimentos. (Giddens, 1993, p.53).

As mulheres eram incompreensíveis aos olhos dos homens, um mistério. Aqui a maternidade estava associada com a feminilidade e a promoção do amor tornou-se tarefa das mulheres; o que permitiu às mulheres o desenvolvimento de novos domínios de intimidade.

Segundo Giddens (1993), a intimidade presume uma “comunicação psíquica”, um “encontro”, que respeita os próprios limites e os limites do outro; e o termo “relacionamento”, significa um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa, enquanto ambas as partes considerarem que extrai dela satisfações suficientes.

Ele diz que o narcisismo dificulta a “comunicação” e o desenvolvimento do relacionamento amoroso. No primeiro obstáculo, se parte para a promessa mais próxima de felicidade.

Segundo Freud (1915/1980), a característica “especial” que uma pessoa encontra na outra é uma “redescoberta”, resultado inconsciente de recapitular o sentimento de exclusividade que o bebê desfruta com sua mãe. Nesse sentido, a identificação da criança com os pais, ou com aqueles que exercem essa função, é responsável pelo desenvolvimento do potencial para a intimidade, pelo preparo do caminho para uma expansão do domínio da intimidade na atualidade.

Segundo Giddens (1993), as mulheres têm um importante papel na transformação da intimidade. Sugere que talvez fazer do amor um meio de comunicação e autodesenvolvimento, tanto em relação aos filhos quanto em relação aos homens. A reivindicação do prazer sexual feminino veio a se transformar em um elemento básico da reconstituição da intimidade e da autonomia.

Para ele, a autonomia significa a realização bem sucedida do “projeto reflexivo do eu”, a condição de se relacionar com outras pessoas de modo igualitário, com limites, respeito pelas capacidades do outro e o reconhecimento de que o desenvolvimento de suas potencialidades separadas não é uma ameaça, transformando a diferença em um meio de comunicação.

Nesse sentido, o sujeito precisa sair do narcisismo, do individualismo e voltar-se para a relação com o outro, buscar fazer vínculos verdadeiros, aceitando o diferente. E as relações familiares são importantes, pois podem influenciar nas escolhas amorosas do sujeito.

Sabe-se que a distância entre os ideais e a realidade é considerável. Principalmente no que diz respeito ao terreno das relações amorosas, há profundas fontes de tensão. Conforme Freud (1930/1980), o sujeito se funda na cultura, numa alteridade, se constitui a partir de um outro. Sendo assim, o sujeito nunca é causa de si mesmo, não basta a si mesmo. O desejo relança o sujeito, a todo o momento, à sua condição de incompletude, de ter que se voltar para um outro mantendo um desejo de que este possa completá-lo. O sujeito precisa do outro para se constituir e reconstituir permanentemente como tal, romper com as amarras do narcisismo, na busca de encontrar o insondável de seu desejo.

2.2.2 – As vicissitudes da libido masculina na escolha de objeto na atualidade.

A “revolução sexual” dos últimos trinta, quarenta anos, envolve questões muito mais profundas do que aquelas provocadas pelos movimentos sociais da década de 60, por mais importantes que eles tenham sido. Um dos elementos básicos é a

revolução na autonomia sexual feminina, com profundas conseqüências para a sexualidade masculina.

Segundo Lasch (1983), o “homem psicológico” de nossos dias teme seus impulsos internos, pois diante da ausência de modelos parentais só pode contar com seus próprios recursos. Narcisista, com sua intensa fome oral, faz muitas exigências, mas repudia que os outros façam o mesmo.

Lasch (1993), destaca que os homens, em especial, temem as exigências das mulheres de satisfação sexual e ternura porque estas evocam fantasias primitivas de uma mãe possessiva e castradora, o que provavelmente faz os narcisistas abordarem as mulheres com sentimentos divididos, dependentes e exigentes, em sua fixação com o seio, mas ameaçados pela fantasia de uma “vagina devoradora”.

No século dezanove, havia a característica divisão vitoriana entre sensualidade e afeição, o que muitas vezes resultava no que Freud chamou de “impotência psíquica”, originada no complexo de Édipo (após a renúncia da mãe, esta é idealizada e a sensualidade procura objetos que não evoquem sua lembrança). Conforme Lasch, atualmente, a impotência parece originar-se das experiências com as mulheres que estão mais liberadas sexualmente, o que poderia mexer com lembranças profundas e dar origem a reações muito primitivas e irracionais.

Desde o final do século XVIII, a época atual parece ser a primeira em que os homens estão descobrindo que eles próprios possuem uma “masculinidade problemática”. Em geral, excluíram-se do desenvolvimento do domínio da intimidade, alguns abandonaram a divisão entre mulheres imaculadas e impuras e foram influenciados pelos ideais do amor romântico.

Os estudos sociais referem-se à alteração da coesão da família como conseqüência da revolução industrial, com a conseqüente redistribuição de papéis e a

transformação na identidade sexual habitual pai-mãe e a psicanálise destaca que o papel dos pais está indicado no inconsciente. O importante é, apesar do enfoque psicanalítico desse estudo, poder contemplar também as condições sócio-econômicas, históricas e políticas nas quais o homem se movimenta.

Durante mais de meio século, a partir dos achados de Freud sobre as neuroses em adultos e crianças, se tem enfatizado a importância da relação mãe-filho. Entretanto, nos últimos anos, se começou a destacar a importância que tem a figura do pai. O próprio Freud escreveu sobre a importância do pai na vida do homem. Seus estudos sobre o complexo de Édipo situam a problemática criada pelo triângulo mãe, pai e filho.

Em seu livro intitulado como “A Paternidade”, Aberastury (1991) fala que em nossa sociedade, conflitos individuais e situações econômicas costumam afastar o pai do cuidado de seu filho, que fica como um “atributo feminino”, perturbando o sentimento paternal desde criança. Afirma que quando se estrutura o conflito edípico, o pai torna-se “imprescindível” para que o menino elabore a perda da relação inicial com a mãe e que a “dupla pai-mãe” é fundamental como fonte de identificação necessária à bissexualidade da criança.

Segundo Aberastury (1991), a maioria das investigações atuais, nos diferentes países, se orienta na busca do modo de reforçar o papel do pai na família como um dos possíveis caminhos para a profilaxia da neurose infantil. Acredita que uma boa relação com a mãe favorece a vinculação futura com o pai e, por sua vez, a relação com este pode ser uma experiência corretora de uma relação inicial ruim com a mãe.

Se o pai é de grande importância como fonte de identificação, torna-se possível compreender que um pai ausente e psiquicamente fraco ou incapaz de assumir a paternidade, provoque no menino grandes dificuldades em assumir-se como homem

ou como mulher; podendo originar, posteriormente, uma busca desesperada de substitutos paternos através de toda vida. Dessa forma, marca a importância do pai nas conexões do filho com o mundo e a importância da mãe permitir o vínculo do filho com o pai.

Contudo, com os novos arranjos, o que se pode constatar é que existem novas estruturas, novas formas de ser pai, mãe e filhos e de exercícios de autoridade e amor, novas comunicações. Diante disso, é importante refletir sobre que subjetividades serão construídas nas novas estruturas que aí estão? Outros representantes não podem exercer a autoridade, antes centrada na figura do pai? Se as referências são necessárias para o sujeito se constituir, então há que se pensar nas novas formas de ser pai, mãe, filho e irmão.

Considerando as mudanças ocorridas ao longo da história e que estão ocorrendo atualmente, procurou-se apreender o que aconteceu com os homens em meio a tantas transformações e a repercussão desses acontecimentos nas relações amorosas da atualidade, já que a maioria dos estudos ainda têm sido voltada para as mulheres.

Capítulo 3 – As Relações Amorosas da Atualidade: um estudo

clínico

Considerando o desenvolvimento psicosssexual do sujeito, no contexto das transformações que ocorreram na família, optou-se por investigar o desenvolvimento libidinal masculino e algumas formas atuais de escolhas e de relações de objeto. Que tipo de sujeito poderia estar por trás dos discursos da atualidade? Tal confronto entre o discurso e as atitudes é essencial para compreender a subjetividade do sujeito masculino.

3.1. O percurso clínico:

3.1.1. Os sujeitos e o ambiente

O primeiro passo para o desenvolvimento da pesquisa foi encontrar 10 sujeitos dentro do perfil estabelecido para o estudo e que não fossem conhecidos pela pesquisadora. Os sujeitos deveriam ser do sexo masculino, ter entre 25 e 35 anos de idade, morar em Goiânia e estarem solteiros. Os sujeitos pertencem à classe média, por ser uma amostragem de conveniência.

A opção pela faixa etária entre 25 e 35 anos de idade, foi por ser a faixa etária adulta. Além disso, optou-se por solteiros para encontrar os sujeitos que não adotaram, permanente ou transitoriamente, o padrão de escolha de objeto associado ao modelo de família nuclear. Esse critério teve como objetivo evitar que experiências anteriores de vida a dois funcionassem como mediação para a atual

situação de solteiro. Em suma, foram buscadas condições nas quais o fenômeno que se deseja estudar se manifestasse em maior proporção.

O primeiro contato com os sujeitos foi feito por telefone, assim como a identificação da pesquisadora, como aluna do mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Goiás, e da pesquisa sobre as relações amorosas da atualidade. Foi interessante observar que esse tema, ao mesmo tempo em que parecia provocar um certo interesse, parecia causar uma certa hesitação. Uma das pessoas contatadas disse: “Interessante! Mas... Sobre o que eu vou ter que falar?”

À medida que as pessoas iam sendo contatadas por telefone, cumpriam os requisitos necessários e aceitavam serem entrevistadas, as entrevistas iam sendo agendadas. Cada participante foi informado sobre o objetivo da pesquisa, avisado que a entrevista teria a duração de aproximadamente uma hora e que aconteceria no Laboratório de Psicanálise, colocado à disposição da pesquisa pela orientadora do mestrado.

Data, hora e local marcados, houve o cuidado de aguardar cada participante e observar o horário da sua chegada, como chegava, as expressões, os gestos, em fim, toda linguagem não-verbal que acompanhava seus primeiros comentários e, depois, toda a entrevista.

3.1.2. O procedimento

Com cada participante foi realizada uma entrevista aberta do tipo clínico, com o objetivo de captar uma perspectiva mais subjetiva, pois o tema relações amorosas é muito subjetivo, com um imaginário social muito variado. A entrevista clínica não segue um roteiro de perguntas prévias, como os participantes foram informados pelo

telefone de que se tratava de um trabalho sobre as relações amorosas da atualidade, foi solicitado que falassem o que pensam sobre o tema, conforme fosse fluindo, seguindo direções e associações próprias. Nada foi anotado durante a entrevista para que a atenção da escuta da pesquisadora não fosse desviada. Observou-se, também, como os sujeitos estavam no final da entrevista, os comentários finais, a linguagem não verbal etc.

Cada entrevista foi reconstruída imediatamente após a sua realização, pela mesma pesquisadora que a realizou. O método psicanalítico utilizado para fazer a análise do material foi a interpretação. Neste método, não se pode isolar o pesquisador do material. As interrogações teóricas participam da reconstrução.

Utilizando a psicanálise como base teórica, procurou-se apreender nos discursos dos entrevistados, suas experiências vividas e os elementos que constituem sua subjetividade, principalmente no que diz respeito às fases do desenvolvimento psicosexual. À medida que os entrevistados iam falando sobre o tema inicial, iam surgindo novos temas, novas associações que modificavam os rumos da entrevista, permitindo que fluísse espontaneamente.

Ao falarem sobre o tema proposto inicialmente, todos os entrevistados, independentes de uma seqüência lógica, revelaram dados sobre as relações familiares desde a infância, sobre relações amorosas e profissionais.

Dessa maneira, o primeiro passo foi organizar esse conteúdo nos núcleos temáticos presentes nas entrevistas. O primeiro núcleo temático foi composto pelos discursos dos entrevistados relativos à família, às relações com os pais ou substitutos, irmãos etc. O segundo núcleo temático foi composto pelos discursos dos entrevistados relativos à história das suas relações amorosas: a primeira paixão, a primeira namorada, a primeira relação sexual até a situação atual. O terceiro núcleo

temático foi composto pelos discursos dos entrevistados relativos à vida profissional. O quarto núcleo temático foi composto pelos discursos dos entrevistados relativos à autonomia feminina.

A entrevista foi realizada de modo suficientemente aberto para que os elementos novos da pesquisa pudessem aparecer nos discursos. Os dois primeiros núcleos temáticos, família e relações amorosas, já foram configurados com base na teoria psicanalítica, porém o núcleo temático que organizou os discursos sobre a situação de instabilidade no mercado de trabalho/insatisfação profissional e sobre a autonomia feminina como problema, foi uma dimensão revelada pela realidade do objeto estudado. O que instigou o interesse da pesquisa sobre o que está acontecendo com os homens diante de tantas transformações.

Partindo desses pressupostos e do que foi possível apreender dos discursos dos sujeitos entrevistados, pode-se compreender elementos significativos de como se organizam subjetivamente as relações amorosas da atualidade.

3.2. As relações amorosas nos discursos dos sujeitos

3.2.1. As relações familiares:

3.2.1.1 - A falta ou inadequação de modelo parental, sobretudo da figura masculina

Buscando compreender a subjetividade que envolve as escolhas e as relações amorosas dos sujeitos na atualidade, consideram-se as relações familiares, desde o

início do desenvolvimento psicosssexual, como fundamentais na formação da subjetividade do sujeito e, por isso, a sua importância para esse estudo.

Desse modo, no âmbito das relações familiares pode-se apreender como se constitui a subjetividade do sujeito, influenciando diretamente na forma como farão suas escolhas amorosas.

Durante o desenvolvimento psicosssexual a criança tem os pais ou seus substitutos, como referência de vida, como um modelo de conduta a ser internalizada pelo indivíduo via identificação. Por isso, elaborar o conflito edipiano é fundamental para a manutenção da sociedade e para o desenvolvimento psíquico do indivíduo, é um importante processo de separação, para despertar do sonho edipiano e enfrentar a realidade, produzindo novas possibilidades, inclusive a possibilidade de estabelecer outros vínculos. Lembrando que com o termo vínculo procurou-se designar um envolvimento construído aos poucos, com compromisso e respeito pelas diferenças do outro; permitindo que cada um se redescubra à medida que se revele para o outro; um encontro.

Nesse sentido, na maioria das entrevistas apareceu falta ou inadequação de modelo parental, o que dificulta a identificação e o desenvolvimento psicosssexual. Assim, ao realizar sua inserção social, cada encontro que realiza com qualquer outra pessoa fora da sua família pode significar, de algum modo, uma reedição das proibições edipianas. Atualmente, muitas vezes, a mãe trabalha fora, às vezes garante boa parte do sustento da casa, além de zelar pelos cuidados domésticos e pelos filhos, não sendo garantia de afeto. Assim como o pai também não é garantia de autoridade.

S6 – Falou que na casa dele quem manda é a mãe, que o pai é um “zero a esquerda”. Contou que cansou de ouvir a mãe dizendo para o pai tomar atitude com os filhos. Que tem ódio dele ser assim, que parece coisa de outras vidas, que nem

sabe explicar, que o pai não está nem aí para nada. Disse que joga tudo na cara dele, que não aceita o pai fazer esse papel de coitadinho. Comentou que agora ele resolveu deprimir, que é um fraco mesmo. Ele disse que o pai vive falando que ele não gosta do pai, mas que é teatro, que é o pai que não gosta dele. Com relação à mãe, ele diz que é uma pessoa muito difícil, enjoada, cheia de manias, mais que é melhor do que o pai, que ela faz tudo para ele, dá tudo o que ele quer, mas que não é nem um pouco carinhosa. Disse que acha que é o jeito dela mostrar que gosta.

S4 – Mora com a mãe, a avó e a irmã. Os pais são separados, o pai tem outra mulher e mais dois filhos homens, mais velhos do que ele. Disse que não se lembra da convivência com o pai desde a infância, que é como se o pai não fizesse parte da vida deles, que só se lembra do pai se despedindo da mãe para ir viajar a trabalho e das brigas entre os pais devido às traições deste e que foram motivo da separação. Contou que o pai achava normal ter outras mulheres e que ele ficava numa situação difícil enquanto filho. Disse que não tem afeto pelo pai, que não sente nada por ele, que o pai é muito distante, frio, machista, que gosta de tudo perfeito, que não aceita erros, que é crítico demais e muito irônico. Disse que com a mãe é diferente, que tem afeto, que tem muito ciúme dela e ela dele e que ela faz tudo que pode por ele.

S8 – Disse que pai é uma coisa que nunca existiu na vida dele e que recentemente a mãe contou que ele é fruto de um estupro praticado pelo dono da empresa onde ela trabalhava como copeira e que ele era um homem muito poderoso, rico e importante e que faleceu num acidente de carro. Mas, que a mãe tinha um namorado na época, que a respeitava, a incentivava a estudar, melhorar de vida, mas que este também morreu e ele ficou sem saber quem é o pai dele de verdade. Disse que não quis fazer DNA, que essas coisas são muito complicadas, que é procurar problema. Contou que a mãe tem uma pessoa há mais de vinte anos, mas que moram em casas separadas e

que sabe que essa pessoa trai a mãe dele, só que nunca contou para ela. Disse que a mãe para ele é indiferente, que tem muitas mágoas dela. Foi criado pelos avós maternos e moram juntos no fundo da casa do avô, mas que o avô também tinha os próprios filhos para cuidar.

S5 – Contou que os pais se separaram quando ele tinha doze anos, que teve um “paizão”, muito legal, mas que o pai foi um marido “sacana” e ele ficou do lado da mãe para protegê-la, que não estava nem aí para o pai, só queria saber da mãe.

S1 – Disse que nunca teve um bom relacionamento com o pai, que o pai é muito fechado, uma pessoa muito “dura”. Contou que uma das irmãs ficou grávida sem casar e que o pai cortou relações com ela. Nesse momento, comentou que “o ódio e o amor caminham juntos” e disse que odeia a dureza do pai, que resolveu deixar ele para lá e viver sua vida. Quanto à mãe, limitou-se a dizer que é “fraca” e submissa ao pai.

S2 – Contou que é o mais velho dos irmãos homens. O pai faleceu de acidente com 31 anos de idade, quando ele tinha doze anos. Comentou que foi “cômico”, que uma tia o encontrou na rua e disse que ele tinha que ser forte, que seu pai tinha morrido e que ele, como o mais velho dos irmãos tinha que cuidar da sua mãe. Disse que o pai era legal, mas “estranho”. Lembrou que quando assistia ao jogo de futebol com o pai, se o time ganhasse, no jogo seguinte o pai repetia a mesma camisa, que ele tinha umas manias estranhas assim. Mas, que é muito bom morar com a mãe, que se relacionam bem, que ela dá liberdade para ele e ele também, que a incentiva namorar, que não fica regulando o tempo todo com ciúme.

S3 – Não quis falar muito sobre o pai. Disse que ele não expressa o que sente, que é difícil entender. Contou que é o caçula de três irmãos e que, como os irmãos

estão casados, ele cuida da mãe que está com problema de saúde, motivo pelo qual não foi para o exterior para trabalhar.

As entrevistas apontam que a identificação com o ideal paterno parece não estar resultando em suficientes condições ou garantias para que ocorra um processo formador do ego e de seus vínculos com outras pessoas, com objetos de amor que lhe sejam acessíveis, reais. Libertar-se dos objetos primários auxilia no processo de tornar-se sujeito capaz de autonomia, de produzir novos modos de lidar com o mundo e com a realidade subjetiva.

Nesse processo de tornar-se sujeito autônomo, é importante o enfrentamento e a superação dos obstáculos. Assim como é necessária a realização do conflito edípiano via identificação, que se trata de uma exigência do superego. Mas, quando as figuras parentais são ou estão ausentes, o processo identificatório fica prejudicado. Conforme Freud, a escolha do objeto amoroso depende do processo identificatório, se o sujeito não tem modelo de identificação, não tem como fazer uma escolha de objeto.

Os discursos revelam dificuldades e conflitos presentes nas relações com os pais. O modelo parental é muitas vezes questionado e a ambivalência presente no início da infância é reeditada nas relações amorosas atuais. A psicanálise nos ensina que não é fácil ver que os modelos que um dia foram ideais, que os modelos internalizados como ideal do ego podem e devem ser questionados e ultrapassados.

Alguns ficam dependentes de tal forma que não conseguem elaborar o luto da perda dos objetos libidinais deixados para trás e, assim, não conseguem reinvestir sua libido em novos objetos de amor, têm dificuldades para estabelecer novas relações amorosas, novos vínculos.

Ao nascer, a criança vive uma situação de dependência total, passando aos poucos para uma condição que segue em direção à independência e a capacidade de caminhar sozinho. É importante lembrar que caminhar só não significa isolamento, não equivale ao desamparo.

A questão de morar com os pais apareceu nas entrevistas como opção, mesmo nos casos em que existem condições financeiras para morar só. Os argumentos foram: evitar gastos, ter companhia, comodidade com as questões domésticas, conforto, liberdade para dormir com a namorada em casa, etc.

S2 – Mora com a mãe e disse que não consegue e nem pensa em viver só, que pode ser com um grupo, com uma pessoa, que sozinho nunca, que solidão deve ser uma droga.

S4 – Disse que já pensou em morar sozinho, mas acha que não conseguiria conviver com a solidão, que o ser humano não foi feito para viver sozinho.

Necessário se faz elaborar o luto da perda dos objetos libidinais da infância, reconhecer a perda proporcionada pela realidade, superá-la com a identificação e a partir dessa elaboração abrir espaço para a entrada do outro em sua vida, poder reinvestir sua libido em novos objetos.

3.2.1.2 - A falta de modelo de casamento e o casamento como “não-valor”

Os sujeitos entrevistados, em geral, parecem não ter o casamento como um valor. Pode-se pensar que a classe social à qual pertencem os possibilita fazer ligações com outras culturas, ter uma cultura mais cosmopolita do que a maioria, o que pode diferenciá-los das pessoas tipicamente do interior do país.

Apesar de suas especificidades, Goiânia também se tornou espaço para a consolidação do poder político-econômico, para garantir a manutenção do sistema capitalista no Estado de Goiás. O progresso faz parte em termos regionais, de uma reestruturação que corresponde aos embates realizados em todo Brasil. Hoje, Goiânia apresenta estruturas familiares variadas, o que expressa características e tendências do restante do país.

Assim, a opção pelo casamento parece deixar de prevalecer. Conforme Costa (1999), na era industrial a felicidade dependia do casamento e da paternidade. O homem solteiro era desenhado como tendo “isolamento afetivo”, “solidão social” e ausência de projetos pessoais e passou a ser visto como “marginal da ordem social”. Contudo, sabe-se que o casamento foi criado para manter o sistema industrial capitalista e que durante muito tempo conseguiu. Mas, atualmente, o sistema quer que o trabalhador seja livre, os interesses mudaram e ser solteiro pode ser definido como uma decisão por um estilo de vida mais livre, onde se exercita a autonomia e a independência.

A maioria dos entrevistados fala que quer encontrar alguém para se relacionar, mas que existe uma dificuldade de “encontrar a pessoa certa”, “alguém de confiança”. As divergências com o sexo oposto, a dificuldade de lidar com o diferente, têm levado muitas pessoas a ficarem sós. Outros motivos alegados pelos entrevistados para se manterem solteiros são: desejo de se tornar financeiramente independente, experimentar novas relações afetivas e sexuais e satisfação profissional.

As entrevistas revelaram também a falta de modelo de casamento. Dentre os motivos para não casar, os que mais apareceram foram: “a vida de casado é chata”,

“acomoda”, “a vida sexual fica insatisfatória”, “os amigos afastam”, “atrapalha o desenvolvimento profissional”, etc.

S3 – Falou que não quer casar, que acha que a vida de casado deve ser “monótona”, uma “rotina”. Disse que pode ser que mude de idéia quando encontrar a pessoa certa e comenta que pelo modelo de sua família já estaria casado, que tem uma “super família”, uma “mãezona” e um “paizão”, que dá certo com os irmãos, que era ele que acompanhava a irmã nas festas para o pai deixar ela ir e que o irmão é um “super amigo”. Disse que a mãe sempre o mimou, mas que o pai é muito fechado, que não expressa o que sente. Falou que se um dia for casar, é para ficar junto, construir tudo junto, a mulher ajudando, dividindo tudo. Acha ridículo casar e morar em casas separadas ou ter quartos separados.

S6 – Disse que casamento é uma instituição falida, que não tem jeito, que a rotina e os problemas chegam; que é para quem se acomoda, acostuma ou precisa, por questões financeiras. Contou que os pais são casados, mas acha que eles não são felizes. Disse que nunca viu uma manifestação de carinho entre eles, que eles vivem debaixo do mesmo teto e só. Contou que tem duas irmãs casadas, uma com 34 e a outra com 36 anos e disse que se relaciona muito bem com elas, mas que não queria a vida delas nem por um dia, que elas arrumaram uns maridos que não estão com nada e ainda os sustentam. Disse que casamento é uma bobagem e que só serve para mostrar para sociedade.

S1 – Falou que casamento pode ser, de preferência em casas separadas e que nem sabe se quer isso, que as pessoas ficam mantendo as aparências, que cai na rotina, no comodismo. Disse que não sabe o que quer, mas que isso não quer, que “a mulher vira meio que Nossa Senhora”, que não sabe o que acontece, que “deve ser aquilo que Freud fala de querer a mãe”, que as fantasias, as sacanagens, o sexo bom vai

acabando quando você começa a gostar de outras coisas na pessoa. Disse que casamento não precisa ser para a vida inteira, se não der certo separa, é melhor para os dois, melhor do que viver de aparências. Contou que os pais moram juntos, mas dormem em quartos separados, que foi o melhor que eles poderiam ter feito. Disse que é um tipo de adaptação conformada, que eles mantêm as aparências, que não são felizes e que ele não quer isso para si, “aquela vidinha sonsa, ele trabalha e ela cuida da casa”.

S4 – Falou que não quer casar. Disse que estar com alguém, pensar nessa pessoa, sim. Falou que ficar sozinho não fica, disse que não consegue, que é fiel e gosta de estar sempre junto.

S3 – Disse que pode até casar um dia, que se não der certo separa, mas que prefere ter quartos separados, mesmo que nunca use, para garantir a liberdade. Comentou que é importante respeitar o espaço do outro.

S5 – Disse que tem vontade de morar junto primeiro, para ver como fica depois, que tem gente que nasce para casar e que ele não tem esse perfil, que não quer ter filhos, que tem muitas coisas para fazer antes de tanta dedicação a uma coisa só, que é igual ter carro e brincou que prefere o carro. Contou que teve uma namorada que todo mês ficava falando para ele que estava grávida e que ele ficou traumatizado, que desgastou demais a relação.

S9 – Falou que constituir uma família é importante, casar nem tanto, mas que as mulheres estão igual aquela música “elas estão descontroladas” (risos), que umas estão desesperadas para casar, que outras ficam com um hoje e amanhã com seu melhor amigo, que realmente não consegue entender as mulheres.

S7 – Para ele tanto faz casar ou não, que é só uma questão de papel, que um dia vai querer alguém, morar junto, mas que casar... que vai depender da mulher, se ela

fizer questão, ele casa. Disse que quer ter filhos, que adora crianças, que brinca com uma criança como se fosse criança e que todas as crianças gostam dele.

S8 – Disse que para casar tem que achar uma mulher que seja independente, que trabalhe fora, mas que ele não tem tempo para o lazer, que as pessoas falam que ele vive para o trabalho, que trabalha muito para não ter tempo para pensar, mas disse que acredita que seria um bom pai. Falou que hoje sabe o que é certo e o que é errado para ensinar para um filho.

Apesar do discurso ser de que família é importante, os sujeitos não querem seguir o modelo de casamento dos pais. Ainda foi interessante observar que a maioria dos entrevistados não aprova as novas opções de relacionamento, como morar em casas separadas, em cidades diferentes. Os discursos dos sujeitos entrevistados demonstram pensamentos contraditórios sobre os novos arranjos familiares. Pensamentos tradicionais parecem causar conflitos diante de novidades atuais como, por exemplo, morar em casas separadas.

3.2.2. As relações amorosas da atualidade

As relações amorosas se inscrevem no interior das mudanças subjetivas em curso na sociedade atual. As transformações sociais têm trazido à tona valores ligados à idéia de liberdade e de autonomia dos indivíduos, o que possibilita o surgimento de diferentes formas de relacionamentos e comportamentos, como os novos arranjos familiares.

O individualismo apresenta o indivíduo como projeto, aberto a infinitas possibilidades, fala de um imaginário onde o homem acredita bastar a si mesmo, independente da sociedade, das relações, do passado e sem limites quanto ao futuro.

Toda restrição colocada pelo outro é, muitas vezes, repudiada em nome da liberdade; um mal-estar constante ameaça o indivíduo narcisista ao ter que se colocar diante da sua própria história, do seu passado, do outro. Para Freud (1930/1980), o sujeito se funda na cultura, se constitui a partir de um outro, via identificações e nunca é causa de si mesmo.

Outra questão que aparece nos discursos dos entrevistados é que as margens de negociação nas relações diminuíram muito, o que muitas vezes causa rompimentos. Na atualidade, as expectativas com relação à intimidade são diferentes, existe a busca da realização dos próprios projetos, das próprias exigências de prazer, o que às vezes deixa de ser considerado nas relações, podendo dificultar os relacionamentos.

S5 – Comentou que no começo tudo é bom, mas que quando começam consegue alguém que está querendo e que começam aparecer os defeitos, que ele perde o interesse pela pessoa.

S3 – Falou que as pessoas acham que querem alguém, mas no fundo não querem, que ninguém quer compromisso, que hoje está tudo “bagunçado”. Comentou que não quer casar, mas que pode ser que mude de idéia quando encontrar a pessoa certa. Afirmou ser muito ciumento, inseguro, disse que cobra atenção o tempo todo, que é “gente boa”, romântico, fiel, carinhoso, mas que é ciumento. Falou que deixa a namorada ir onde quiser, fazer o que quiser, mas que se ela for ele fica ‘puto’.

S6 – Afirmou que não aceita mulher querer mandar nele, que gosta das coisas do jeito dele e que se não for assim ele termina. Disse que quando se apega é para valer, que “entra de cabeça”, mas que depois arrepende, que só leva cabeçada, que não compensa ter compromisso; que no começo é arredio, mais que depois namora direitinho, só que não confia, fica esperto. Acredita que é um bom namorado,

carinhoso, atencioso, que gosta de dar presentes,mas que não sabe o que acontece, que não dá certo, que cada uma tem um problema.

S7 – Disse que terminou com a namorada, que esfriou,que não está sofrendo talvez porque não a ama, mas que ela não aceita as opiniões dele, que ela só faz as coisas do jeito dela, que usa as roupas que ela quer. Falou que acha que precisa aprender a ceder mais, mas que não aceita que os outros tentem mudá-lo e é muito ciumento.

S4 – Contou que as pessoas falam que ele é o “sabe tudo”, mas que ele não concorda, que às vezes está certo mesmo, que cada um tem o seu jeito e que quando está certo não gosta que ninguém o contrarie.

Os discursos de alguns dos entrevistados parecem valorizar a liberdade, o que parece estar na raiz do impasse vivido por eles entre voltar-se para o relacionamento com o outro ou fechar-se em si mesmo para não ser aprisionado pelo outro. Como tendência, prevalece uma valorização da questão narcísica (Freud, 1914/1969), onde a maximização do valor individualista não permite arriscar-se a possibilidades de frustração na relação com os demais. O esforço de racionalizar o sentimento com relação ao outro é transmitido em muitos momentos nos discursos. Como resultado deste olhar para si mesmo, cultivar e defender a liberdade pessoal diante das experiências sociais e amorosas que, muitas vezes, funcionam, imaginariamente, como instrumentos de opressão, parece estar se tornando um modo de viver.

Nas transformações que ocorreram na família, o valor de liberdade parece ter acentuado traços narcísicos. Contudo, parece que ainda existe um desejo de encontro, de completude, recalcado através do discurso sobre a independência e a realização profissional, que apareceram em quase todos os entrevistados.

S1 – Contou que não gosta de levar as pessoas na sua casa porque não tem mobília. Falou que estava ficando com uma pessoa há nove meses e que ela ficava na casa dele nos finais de semana, mas que ela sabia quando ele queria ficar sozinho e ela tinha que ir embora. Disse que segunda-feira é dia de renovar, que ficar é isso, não se envolver, não ter compromisso, ter liberdade, que se for gostando de ficar, aí namora, que é seletivo, que não sai ficando com todo mundo. Disse que não está procurando ninguém, mas que se ‘pintar’ alguém tudo bem.

Aqui o discurso deixa escapar o desejo, o que poderia significar um não controle. Talvez pelo discurso de liberdade, independência, o desejo não pode ser diretamente formulado. Entretanto, neste imaginário de liberdade, o desejo se impõe como manifestação inconsciente: “se pintar”!? Como se fosse um acontecimento inesperado e não um desejo. A decisão de não depender do outro, como se bastasse a si mesmo. Ao mesmo tempo em que afirmam sua autonomia, atribuindo ao acaso, à sorte, a explicação de uma nova pessoa surgir na sua vida; contraditoriamente, também sinalizam a importância de não ficarem sozinhos. Isso, porque o desejo relança o sujeito na sua condição de incompletude, portanto, na contingência de ter que se voltar para um outro, que se espera poder “completá-lo”. E, neste aspecto, todos sem exceção gostariam de encontrar alguém especial para dividir suas vidas.

Parece que os sujeitos não sabem ao certo se estão disponíveis para as futuras relações e que há uma projeção de um certo egocentrismo quando dizem que as pessoas não se envolvem.

S1 – Chegou atrasado e demonstrando certo desdém pela entrevista. Ficava bocejando, como que menosprezando o trabalho. Começou dizendo que as pessoas são muito superficiais, que só querem saber de carro, dinheiro e aparência; que é um mundo muito hostil, que as pessoas não se envolvem, que não dá para confiar, que só

querem curtir. Disse que conhece muita gente, muitos grupos, mas acha que as pessoas são muito fechadas nos seus grupinhos.

S4 – Contou que resolveu “cair na farrá”, que cada dia ficava com uma pessoa diferente, que ficou assim até pouco tempo, quando resolveu namorar outra pessoa, que foram ficando próximos e começaram a considerar namoro há uns dois meses. Disse que seu namoro está “light”, que eles concordaram de não ficarem cobrando muito um do outro, que ela sai com as amigas dela, ele também, que cada um tem sua privacidade e que tem dado certo. Disse que quando não estiver “funcionando” mais, ele “cai fora”.

Observou-se uma tendência dos entrevistados de supervalorizar a primeira namorada, ou o primeiro namoro realmente significativo para o sujeito. Esse exagero pode ser decorrente da situação de perda. Pode-se pensar que se trata de uma idealização, que pode ter por função uma defesa do ego contra confrontar-se com outras novas pessoas. Abandonar vínculos libidinais é perda e perder não é fácil. A nova realidade é marcada como uma dificuldade para o estabelecimento de novos vínculos, Freud (1917[1915]/1980) diz que as lembranças através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas. Então, no trabalho de elaboração do luto a realidade perdida é valorizada de maneira muito mais intensa do que antes. Após a realização desse processo de elaboração da perda é que poderá de fato encontrar satisfação nas novas relações amorosas e se vincular a alguém.

S7 – Contou que teve a primeira namorada aos dezoito anos, que o namoro durou uns oito anos, que quando ela terminou com ele, ele pensou que ia morrer de tanto sofrimento. Disse que era apaixonado, que fazia tudo por ela, que nunca a traiu, que a primeira transa não foi com ela, mas que é como se tivesse sido, pois não tinha muita

experiência, principalmente porque era a primeira vez dela. Contou que viveram muitos momentos importantes juntos, mas que ela era muito difícil de conviver, geniosa, tudo tinha que ser como ela queria e depois de muitas brigas o relacionamento desgastou e ela terminou com ele. Falou que uma pessoa começou a aproximar dele como amiga, para confortá-lo, que ele sabia que ela estava com segundas intenções, mas que deixou rolar. Disse que não sabe se aprendeu a gostar dela ou se acabou se acostumando com ela, pois ficaram juntos por quatro anos e que ela era o contrário da primeira, que era ela que fazia tudo para ele, mas ele não dava o valor que ela merecia, ficava com outras pessoas, sem ela saber, o que afirma nunca ter feito como a primeira. Contou que um dia ela descobriu, brigou com ele e ele aproveitou para terminar, pois mesmo brava ela não queria terminar. Disse que de lá pra cá nunca mais namorou sério com ninguém, que até hoje não sentiu por ninguém a mesma coisa que sentiu pela primeira, que acha que não compensa, que está curtindo a vida.

A comparação com os relacionamentos anteriores é freqüente e denota a falta que o sujeito parece sentir dos objetos que perdeu. Além disso, a freqüência da comparação indica certa resistência do sujeito em dar tempo para a realidade ir se impondo e fazer o luto, em abandonar a antiga posição libidinal e, assim, evidencia-se que “no luto, se necessita de tempo para que o domínio do teste de realidade seja levado a efeito em detalhe, e que, uma vez realizado esse trabalho, o ego consegue libertar sua libido do objeto perdido”. (Freud 1917[1915]/1980; p.285).

S3 – Contou que depois da primeira namorada, nunca mais passou de um ano namorando a mesma pessoa e que não sofre mais ‘daquele jeito’, acha que foi esfriando. Mas, que hoje ela está casada, que são amigos e que foi muito bom mais acabou; que eles eram muito novos, ainda tinham muita coisa para fazer e conhecer

da vida e logo ela se casou. Disse que a última namorada terminou com ele devido ao ciúme dele e que ele pensou que ia sofrer, mas que está ótimo.

S1 – Contou que não é muito “pombinho”, que não é muito romântico, que só namorou sério duas pessoas e que a primeira durou nove anos. Disse que ela morava em outra cidade e que foram várias idas e vindas. Segundo ele, ela o ajudou a se entregar e ele ajudou ela ser mais comunicativa; que hoje sabe que ela está bem, que está bonita. Mas, disse que olha para ela e não vê mais a mesma pessoa. Falou que acha que criou uma barreira com relação a ela, que foi muito difícil. Comentou que as pessoas quando estão namorando são uma coisa, quando terminam mudam. Contou que sofreu com os términos. Disse que fica um certo remorso de ter errado, que às vezes pensa que poderia ter ido atrás dela, ter mudado para perto dela, que era o que ela queria, mas que depois passa, que não é de ficar guardando as coisas por muito tempo.

Nas entrevistas os sujeitos demonstram dificuldades para fazer novos vínculos afetivos. Renunciam a certas satisfações da relação com o outro por medo de perder. Parece haver um grande conflito entre o desejo de ter alguém, uma companheira, e não saber se estão disponíveis para uma relação.

S6 – Afirma que ter compromisso não compensa, que a pessoa investe, “entra de cabeça” e só “leva cabeçada”. Disse que é arredo no começo, mais depois namora direitinho, só que não confia, fica esperto. Falou que acredita que é um bom namorado, mas que não sabe o que acontece, que não dá certo, que cada uma tem um problema.

Às vezes a auto-estima baixa, o medo de não agradar ou de se decepcionar, que está diretamente ligado ao medo de não ser aprovado pelos pais, de perder o amor

deles, faz com que não levem em consideração a realidade atual, a nova relação, com suas diferenças.

Segundo Freud, desde o início a principal ameaça que um ser humano, em sua dependência infantil, pode sofrer é a ameaça de perder o amor dos pais ou de seus substitutos, uma vez que são tais pessoas, em seu amor, que lhe garantem afeto, proteção e satisfação de suas necessidades vitais. O superego defende o ego da ameaça de perder o amor dos pais, pois essa instância psíquica “é um agente que foi por nós inferido e a consciência constitui uma função que, entre outras, atribuímos a esse agente. A função consiste em manter a vigilância sobre as ações e as intenções do ego e julgá-las, exercendo sua censura”. (Freud 1915/1980; p.160).

As pessoas travam verdadeiras batalhas na tentativa de mudar o outro. Exigem que o outro pense, sinta e se comporte igual a elas e, quando isso não acontece, dizem que o outro está errado, tentam corrigi-lo. Parece que o amor está condicionado à mudança do outro. A diferença surge como uma ameaça, dá medo, medo de ser julgado, de não ser aceito, de não ser amado.

S1 – Afirmou que fala tudo que não gosta e acha errado, que é “cricri”, que fica tentando concertar a pessoa, que fica dizendo como ela tem que ser, que acha que o certo seria gostar da pessoa como ela é ou então não gosta, que sabe que isso não é legal, mas que não consegue. Comentou que, com o tempo, foi ficando escolado, esperto, que agora não se deixa envolver tão fácil. Disse que está mais seletivo, que enquanto não achar a pessoa certa não se entrega.

O grau de exigência vai aumentando, exigem muito, independente das suas próprias dificuldades, inclusive de aceitar as exigências do outro. Assim, as exigências superegógicas, apoiadas na identificação, não levam em consideração a realidade com suas diferenças. O sujeito parece que não consegue considerar

efetivamente as diferenças entre as pessoas. Obriga-se a escolher uma pessoa praticamente perfeita para uma nova relação. Nesse sentido, o narcisismo aparece dificultando as relações, o estabelecimento de um vínculo verdadeiro e a aceitação das diferenças, o sujeito narcisista não aceita sua incompletude, suas imperfeições e conseqüentemente não aceita as imperfeições e exigências alheias.

Assim, retirar a libido investida em objetos sexuais e a reinvestir em objetos não sexuais, por exemplo, de ordem intelectual, torna-se socialmente aceito ou no mínimo mais tolerável. Conforme disse S8 – que trabalha muito para não ter tempo para pensar, que não tem tempo para o lazer, que as pessoas falam que ele vive para o trabalho.

Inclusive as relações com os amigos aparecem, na maioria das entrevistas, muito superficiais e sabe-se que os amigos são importantes companheiros na experiência de conhecer o mundo, são fontes de identificações que também influenciam de modo muito importante a forma de pensar e de ver o mundo, pois também são alvos de amor e de admiração.

S1 – Disse que conhece muita gente, muitos grupos, mas que as pessoas vivem fechadas nos seus grupinhos, que é difícil falar em amizade hoje em dia, que as pessoas são muito superficiais, que não dá para confiar, que só querem saber de carro, dinheiro e aparência, que não se envolvem, que é um mundo muito hostil, que as pessoas só querem curtir.

Os discursos dos entrevistados revelam traços de narcisismo, individualismo e hedonismo. O mal estar da atualidade, no que diz respeito às relações amorosas, parece ser justamente a dificuldade de reconhecer a incompletude e de estabelecer vínculos. As diferenças parecem se tornar ameaças para as relações, tende-se a adotar a si mesmo como modelo para a escolha do objeto amoroso, tendendo a fazer

escolhas objetais narcisistas. Mezan (1993) fala que o narcisista tem a propriedade de idealizar seus objetos. Nesse sentido, o sujeito se põe a buscar um novo objeto amoroso perfeito e assim sucessivamente, podendo levar ao hedonismo que aparece quando o sujeito se importa só com o presente, com o instante, com o prazer com o fim no próprio prazer, sem importar com o outro, sem ser afetado pelo outro; quando o outro, tido como descartável, não ganha expressão no mundo interno do sujeito.

3.2.3. A instabilidade no mercado de trabalho e a insatisfação profissional

A busca da realização dos próprios projetos, em relação ao trabalho e à vida profissional, muitas vezes é priorizada em detrimento de planos para uma vida a dois. Entre esses projetos está o desejo de uma vida estável financeiramente. O afastamento geográfico aparece, quando não pelo enfraquecimento do vínculo, por instabilidade no mercado de trabalho ou insatisfação profissional.

S6 – Terminou um curso superior, exerce a profissão, mas disse que muitas vezes se questiona se esse é o curso que ele realmente queria ter feito, que não viu outro caminho, que pensou na possibilidade de passar num concurso e garantir seu futuro, mas que não foi bem assim, que a concorrência está difícil.

S4 – Contou que fez três meses de um curso técnico, mas que parou por falta de dinheiro e que depois fez outro curso numa área diferente e hoje trabalha com outra profissão.

S5 – Disse que está na melhor fase profissional, ganhando bem, trabalho novo, apesar de estar trabalhando muito. Contou que deixou o curso superior que fazia para trabalhar, que na época surgiu uma boa oportunidade de trabalho e depois foi ficando difícil conciliar com a faculdade. Falou que recebeu um convite para trabalhar na

Suíça, mas que, ao mesmo tempo, recebeu outro convite, de uma outra empresa, cobrindo a proposta.

S2 – Disse que as pessoas têm que parar de pensar que para alguém ser bem resolvido tem que ter curso superior e emprego no Banco do Brasil, que isso é coisa de quem não tem cultura. Falou sobre as viagens que fez para a Europa e como as pessoas pensam diferente lá. Contou que largou o curso que fazia, que não tinha nada a ver com ele, que fez um curso técnico, mas que não exerce e que gosta de artes e de cozinhar, mas não para ganhar dinheiro. Disse que mora com a mãe e está feliz assim, que gosta de viver viajando e que ainda não criou raízes. Contou que já foi tratado como príncipe por uma mulher, que não é machista, que não liga se for sustentado, que cozinha muito bem e que no exterior já trabalhou cuidando de bebê.

S3 – Contou que está desempregado, que trabalhava com vendas e parou pois quer ir para o exterior ganhar um dinheiro para construir algo para ele, que estudou até o segundo ano do segundo grau e parou. Disse que nunca foi de estudar.

S1 – Disse que vive sendo transferido no trabalho e que é normal não se fixar, que é bom porque não cai na rotina. Disse que é do tipo de pessoa que não faz planos com dinheiro, que vive o hoje, mas que também não é “porra louca”, que tem suas economias.

S7 – Contou que sempre trabalhou no interior e que viajava muito. Comentou sobre o assédio que vivia nas viagens, “carne nova no pedaço”, que fazia sucesso, mas que isso causava problemas com sua namorada. Só depois que viu que tinha condições de pagar sua faculdade é que resolveu fazer o curso superior. Também é músico, que além de robe serve como fonte alternativa de renda. Viaja com sua banda para tocar em outras cidades com frequência.

S8 - Disse que já trabalhou com todo tipo de serviço, que sua vida foi difícil. Contou que serviu o exército, que fez curso técnico e depois o curso superior e que hoje é professor e também trabalha numa empresa e que conseguiu um salário razoável.

Os autores que tratam da questão do trabalho, não aprofundam na questão das relações interpessoais, amorosas, observa-se que são dois campos de investigação muito separados. Contudo, a maioria dos sujeitos entrevistados fez essa relação, o que sugere que provavelmente este seja um aspecto importante que a literatura não tem dado atenção.

A maioria dos sujeitos entrevistados não está estabilizada economicamente ou não está satisfeito com a vida profissional, o que pode estar relacionado com a escolha amorosa, com a opção por viver só e até com o fato do casamento não ser um valor. Talvez o fato de não ter condição financeira de fazer um projeto de família, de casamento, faz com que os sujeitos não invistam num relacionamento estável, pode ser um mecanismo de defesa do sujeito, inclusive diante da autonomia feminina, que pode gerar uma certa comparação ou até mesmo uma competição com o sexo feminino. As mulheres, muitas vezes passam a ser vistas como ameaças, inimigas, rivais, na medida em que se tornam difíceis de compreender, diferente. São novos ideais, novas condições psicológicas propiciando um novo tipo de homem, centrado em sua individualidade.

Esse fator é interessante para ser analisado, diz respeito à questão da cultura com sua preocupação desmedida na constituição da imagem pela individualidade, que dita o valor do sujeito pelo que ele parece ser ou pelo que ele tem, o que pode levar o sujeito a viver na dependência das trocas e não das relações. O discurso dos entrevistados leva a pensar que está se tornando difícil ser valorizado, sem uma

estabilidade financeira que permita o consumo e até manter a aparência de satisfação profissional. O desejo parece estar sucumbindo frente à exaltação do narcisismo, quando o sujeito não consegue seu objetivo, parece ser considerado como fracassado.

O casamento durante muito tempo serviu para manter o sistema industrial capitalista, mas agora o sistema precisa de trabalhadores livres, com disponibilidade para viajar, que não se prenda à família, o contrário da era industrial. Nesse sentido, podemos pensar que as pessoas estão se pautando numa conduta mais centrada nelas mesmas, o que vai de encontro com escolhas narcísicas e com novas formas de se relacionar e de estar em novos arranjos familiares.

3.2.4. A autonomia feminina como problema

Nas últimas décadas, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, a liberação sexual, entre outros fatores, parece que tem feito com que os homens repensem suas atitudes e comportamentos com relação a si próprios, às mulheres e às mudanças, transformando as relações amorosas. Os entrevistados reclamaram que as mulheres têm se atirado muito sexualmente, que estão muito exigentes, intolerantes, etc. Segundo Lasch (1983), antigamente os homens queixavam-se da falta de resposta sexual das mulheres e agora consideram esta resposta intimidante e se preocupam quanto à sua capacidade de satisfazê-las. Com os anticoncepcionais facilitando as relações sexuais desligadas do casamento e da procriação, a demanda da mulher pela satisfação sexual é cada vez maior.

Contudo, na maioria das vezes, ao mesmo tempo em que falam que a dificuldade

de encontrar as mulheres está no fato de que elas estão muito exigentes, buscam um ideal de mulher que contradiz seu discurso. Isso leva a pensar que não se tem definido o que se quer de uma relação.

S1 – Comentou que existe um folclore que Goiânia tem mulher demais, mas que é só quantidade, que encontrar uma pessoa que realmente vale a pena é difícil. Disse que gostaria de encontrar uma mulher independente, que trabalhe; que ele paga as contas, as despesas, mas que a mulher tem que ser independente, que ele não é machista. Disse que as mulheres julgam antes de conhecer, que às vezes o cara está ali e elas ficam cheias de exigências e materialistas.

S8 – Disse que a mulher tem que ter sua independência financeira, que tem que trabalhar fora, que tudo tem que ser dividido, mas contou que até hoje só namorou pessoas que dependiam dele. Contou que atualmente namora uma pessoa que trabalha como empregada doméstica, que está com ela por dó, que acha que precisa ajudá-la, apesar de que já falaram para ele que ele não é o pai dela. Falou que ajuda sem ela saber, pois teme que ela fique com ele por interesse. Acredita que ela é interesseira, só que ele fala para ela que não tem nada, que ganha pouco, mas paga o aluguel e outras despesas dela sem que ela saiba.

S7 – Contou que a namorada anterior, ele tinha que escolher até as roupas que ela ia comprar, que era possessiva e que a atual não é, não importa se ele sair com os amigos, mas que já terminou e que acha que ela não está sofrendo pelo fato de que é mais independente do que a anterior. Segundo ele, ela não aceita as opiniões dele, só faz as coisas do jeito dela, só o que ela quer fazer.

S9 – Disse que as mulheres estão “descontroladas”, que realmente não consegue entender as mulheres, que parecem estar numa constante competição com os homens, que elas querem saber logo o que eles fazem e parece que ficam analisando se é de

status ou não; com relação a sexo, contou indignado que saiu com uma menina e que depois uma pessoa contou para ele que ela disse que ele “não era lá essas coisas”. Disse que as pessoas estão muito fúteis.

S3 – Disse que não vê problema se a mulher se atirar, acha até bom, pois é tímido. Falou que deixa a namorada ir onde quiser, fazer o que quiser, mas que se ela for ele fica “puto”. Segundo ele, as mulheres só preocupam com carro, grana e profissão. Disse que a independência da mulher não atrapalha, que tudo bem se a mulher paga a conta, se transa no primeiro ou no décimo encontro, que esse já não é mais o problema, que o problema é que elas estão muito materialistas.

S6 – Disse que mulher tem mania de achar que é dona da verdade, de querer tudo do jeito delas. Comentou que não se importa se a mulher ganha mais que ele, se paga a conta, mais que é complicado pois começam querer mandar, parece que perde o respeito e que não aceita mulher querer mandar nele.

A autonomização da sexualidade em relação à reprodução, que observamos ter se dado a partir do advento dos contraceptivos e da maximização dos valores individualistas nas sociedades modernas, parece provocar muitas contradições. As mulheres conquistaram direitos e poderes que as permitem recusar a ter filhos, controlar o número de filhos, procriar filhos de diversos leitos e fazê-los coabitarem em novos arranjos familiares, o que remete ao movimento de dessacralização do casamento.

Nas contingências atuais, como o enfraquecimento econômico, há uma flexibilização nos papéis e homens e mulheres dividem a realização das tarefas domésticas, o cuidado com os filhos e a autoridade, posto que estão ativas no mercado de trabalho, mantendo aspirações individuais que o casamento e a família

não podem satisfazer, possibilitando o surgimento cada vez maior de diferentes formas de relacionamentos e comportamentos.

Segundo Lasch (1983), a revolução quanto à autonomia feminina trouxe profundas conseqüências para a sexualidade masculina. Ele diz que diante da ausência de modelos parentais, só podem contar com seus próprios recursos e que os narcisistas, fazem muitas exigências, mas repudiam que os outros façam o mesmo. Ele destaca que os homens temem as exigências das mulheres de satisfação sexual e ternura porque estas evocam fantasias primitivas de uma mãe possessiva e castradora, o que provavelmente faz os narcisistas abordarem as mulheres com sentimentos divididos entre dependerem e se sentirem ameaçados por elas, ou melhor, pelas questões inconscientes que podem dar origem a essas reações primitivas e irracionais.

A autonomia feminina (sexual e financeira) aparece no discurso dos entrevistados como sendo uma excelente conquista, que eles aprovam e incentivam, mas se contradizem permitindo pensar que, na verdade, é um problema.

Contudo, sabe-se que a autonomia liberta o indivíduo, que passa a se autorizar para tomar as próprias decisões, ser independente e responsável, não dependendo de outra pessoa para resolver seus problemas. Segundo Giddens (1993), a autonomia significa a condição de se relacionar com os outros de um modo igualitário, respeitando os limites e a capacidade do outro e o reconhecimento de que o desenvolvimento de suas potencialidades separadas não é uma ameaça.

A autonomia faz parte do processo de desenvolvimento do ser humano, assim como a dependência. Conseguir ter prazer também com sua própria companhia, um encontro mais íntimo consigo próprio, com suas fantasias, suas reflexões e seus

projetos ou não conseguir ficar sozinho. Aqui entra a importância de elaborar o luto das perdas, para que haja um amadurecimento do desenvolvimento emocional.

É importante dizer que os fenômenos descritos são partes de processos inconscientes. Portanto, esse medo, por exemplo, não pode ser admitido diretamente pelo sujeito. Foi somente de maneira indireta que os sujeitos puderam relatar essas experiências subjetivas, pois é no relato de suas vivências afetivas, desvinculados de sua dimensão intelectual, que o sujeito pode dizer, mesmo sem saber que sabe, desses processos.

O conteúdo de uma imagem ou idéia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja negado. A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido. Podemos ver como, aqui, a função intelectual está separada do processo afetivo. (Freud, 1923/1980, p.295/296).

A contradição marcou os discursos de todos os sujeitos entrevistados, contudo, na maioria das vezes, eles não a percebem. Essa realidade diz da ambivalência afetiva que o sujeito está vivendo. Em meio a tantas tensões parece que os sujeitos estão fazendo escolhas narcísicas de objeto. Dessa forma, as relações amorosas parecem estar enfrentando muitas dificuldades. A atualidade marca a grande dificuldade dos sujeitos para estabelecer vínculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na instalação da era moderna, as relações familiares se tornaram “fundantes” da subjetividade, elas se constituíram o lócus mesmo do desenvolvimento humano. Assim, desde a infância, é a partir dos complexos vínculos emocionais familiares que cada indivíduo desenvolve sua forma de ser.

Nesse sentido, a infância é um tempo precioso na constituição da subjetividade humana, pois é na infância que o indivíduo realiza as experiências que constituirão a base de toda sua subjetividade e na fase adulta pode ou reeditar as experiências vividas ou persistir na busca de substitutos para os pais.

Dessa forma o desenvolvimento psicosexual e a família, foram tomados como mediações que permitiram a apreensão da dinâmica psíquica dos sujeitos quanto às escolhas e as relações amorosas da atualidade. O estudo apontou que os sujeitos falam que família é importante, mais recusam o modelo parental e que as figuras parentais ou não são vistas como objetos de identificação ou a identificação é precária. Parece que faltou a identificação com o modelo parental, principalmente com a figura masculina, o que dificulta a elaboração do conflito edipiano, a elaboração do luto pela realidade perdida, o que pode levar o sujeito a uma dificuldade na busca de novos objetos de amor, o sujeito pode desejar conscientemente a possibilidade de fazer um vínculo com o outro, mas inconscientemente temer esse encontro. Essa questão da identificação também influencia na dificuldade de lidar com a autonomia feminina, que apareceu como problema para os sujeitos, que parecem não estar sabendo como lidar com a demanda da mulher pela satisfação sexual, profissional e financeira. As conseqüências para a sexualidade masculina parecem ter sido profundas.

As diferenças entre as pessoas também podem ser vistas como ameaças para as relações e parece que as pessoas tendem a buscar objetos amorosos perfeitos, na busca da completude narcísica. O desejo de que um outro, com os mesmos desejos, venha resgatar para sempre da condição da falta, da incompletude que nos constitui. Contudo, a realidade revela que o outro é diferente e também incompleto e imperfeito. A falta, a perda, só podem ser elaboradas quando se fica com algo de quem se perdeu, com as identificações. Ou então, os sujeitos se põem a buscar um novo objeto a cada frustração, na esperança de encontrar “a pessoa certa”. Muitas vezes busca-se o prazer com um fim no próprio prazer, busca-se o momento presente, o instante e não se pretende fazer realmente um vínculo com o outro. Os novos ideais, as novas expectativas com relação à intimidade e as novas condições psicológicas propiciam o surgimento de um novo tipo de homem, centrado em sua individualidade, podendo levá-lo a fazer escolhas objetais narcísicas. São novas possibilidades de ser, podendo incluir ou não o outro

A maioria dos sujeitos entrevistados não está estabilizada economicamente ou não está satisfeito com a vida profissional, o que pode estar relacionado com a escolha amorosa, inclusive com a opção por viver só e até com o fato do casamento não ser um valor. Pode-se pensar que as pessoas estão se pautando numa conduta mais centrada nelas mesmas, o que converge com as escolhas narcísicas e com as novas formas de se relacionar e de formar os novos arranjos familiares.

Os discursos dos sujeitos revelam um mal estar nas relações amorosas da atualidade, que é justamente a dificuldade de estabelecer vínculos e o maior desafio talvez seja não se furtarem ao vínculo, mas reconhecer que o outro existe, que é diferente, entrar em contato com a incompletude, e com o fato de que não é possível se bastar a si mesmo.

A realidade inclui a possibilidade da perda, da separação, saber que não se têm garantias, desfazer de ilusões. Segundo a psicanálise, é assim que se configura a única possibilidade de constituir-se como sujeito e é nessa condição que o sujeito se mantém desejante.

Da mesma forma, as transformações que ocorreram na família, que podem ser vistas na realidade atual, traz uma diversidade de organizações familiares. O fato de a família ter aparecido no discurso dos entrevistados com um peso significativo, não significa que ela seja um padrão para todos. Os novos arranjos familiares estão mostrando que existem diferentes possibilidades e a escolha de objeto reflete diferentes formas de se relacionar, inclusive ser solteiro. Daí a importância de se refletir sobre a necessidade de lidar com o novo, com o diferente e sobre a constituição da subjetividade que essa vivência possibilita ao sujeito na atualidade.

Nesse estudo, foram abordados alguns aspectos das escolhas e das relações amorosas do sujeito na atualidade, abrindo caminho para várias outras possibilidades de estudo sobre esse mesmo tema. A comparação da subjetividade feminina com a masculina, quanto às relações amorosas da atualidade, constitui um interessante foco de estudo a ser realizado.

Referências Bibliográficas

- Aberastury, A. & Salas, E. J. (1991). *A Paternidade: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Araújo, D. S. & Andrade, V. A. (2001). O perfil da criança de 0 a 6 anos: Quem cuida e educa a primeira infância. Em S. M. G. Sousa & I. Rizzini (Coord.). *Desenhos de família. Criando os filhos: A família goianiense e os elos parentais*. (pp.137-171). Goiânia, Go: Cãnone Editorial.
- Áries, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, RJ: JC Editora.
- Berquó, E. (1998). Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. Em L. M. Schwarcz (org.), *História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea* (v.4, pp.411-438). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Birman, J. (2001). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira.
- Campos, D. T. F. (2000). Mãe e filha: da identificação à devastação. *Revista de Psicanálise*, 135, 5-13, ano XIII. São Paulo, SP: Pulsional.
- Campos, D. T. F. (2002). *Le versant fétichiste de la demande d'enfant*. Tese de Doutorado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Université de Provence, Aix-en-Provence.
- Costa, J. F. (1999). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- Debord, G. (2002). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.
- Freud, S. (1980). Estudos sobre a histeria. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J.

- Salomão (Org), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 2, pp.43-369). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (1980). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 7, pp.119-217). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (1980). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. (Contribuições à psicologia do amor I). (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 11, pp. 149-162). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1910).
- Freud, S. (1980). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. (Contribuições à psicologia do amor II). (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 11, pp. 163-178). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1912).
- Freud, S. (1980). A dinâmica da Transferência. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol.12, pp. 133-148). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1912).
- Freud, S. (1980). Totem e Tabu. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 13, pp. 17-193). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1913[1912-13]).

- Freud, S. (1980). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 12, pp. 193-207). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1980). Sobre o narcisismo: uma introdução. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 89-123). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1980). Observações sobre o amor transferencial. (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 12, pp. 208-220). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1915[1914]).
- Freud, S. (1980). Os instintos e suas vicissitudes. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 137-168). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (1980). Luto e melancolia. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 275-290). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1917[1915]).
- Freud, S. (1980). O tabu da virgindade. (Contribuições à psicologia do amor III). (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 11,

- pp.179-96). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1918[1917]).
- Freud, S. (1980). Além do Princípio do Prazer. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 18, pp. 17-90). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (1980). Psicologia de grupo e a análise do ego. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 18, pp. 91-184). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1921).
- Freud, S. (1980). O ego e o id. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 19, pp. 23-76). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1923).
- Freud, S. (1980). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 19, pp. 179-188). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1923).
- Freud, S. (1980). O problema econômico do masoquismo. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 19, pp. 199-216). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1924).
- Freud, S. (1980). A dissolução do complexo de Édipo. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 19, pp. 217-228). Rio de

Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1924).

Freud, S. (1980). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 19, pp. 278-284). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1925).

Freud, S. (1980). O futuro de uma ilusão. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 21, pp. 15-80). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1927).

Freud, S. (1980). Fetichismo. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 21, pp. 179-188). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1927).

Freud, S. (1980). O mal-estar na civilização. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 21, pp. 81-178). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1930).

Freud, S. (1980). Construções em análise. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 23, pp. 291-308). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1937).

Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista.

- Gori, R. (1998). *A prova pela fala. Sobre a causalidade em psicanálise*. Goiânia, Go: Editora UCG.
- Lasch, C. (1983). *A Cultura do narcisismo: A vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Matarazzo, M. H. (2003). *Encontros, desencontros e reencontros*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- McDougall, J. (1999). Teoria sexual e psicanálise. Em Paulo Roberto Ceccarelli (org.), *Diferenças sexuais* (pp.11-25). São Paulo, SP: Escuta.
- Mezan, R. (1993). *A Sombra de Don Juan e outros ensaios*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense.
- Negrão, T. & Gouvêa, J. R. F. (2005). *Código civil e legislação civil em vigor*. 24ª. Ed. São Paulo, SP: Editora Saraiva.
- Peres, V. L. (2001). Desenhos de família. Em S. M. G. Sousa & I. Rizzini (Coord.). *Desenhos de família. Criando os filhos: A família goianiense e os elos parentais*. (pp. 73-94). Goiânia, Go: Cãnone Editorial.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.